

Rev.

1195



M

ANO LXXI

— N.º I —

JANEIRO DE 1919

Revista Militar

2.^a ÉPOCA

FUSÃO da Revista Militar, Revista do Exercito e da Armada
Revista da Administração Militar e Portugal Militar



DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

9 — Largo da Anunciada — 9

TIP. UNIVERSAL—R. do Diario de Noticias, 78

LISBOA

Cargos para 1919

MESA DA ASSEMBLÉA GERAL

PRESIDENTE

General Fernando Larcher

VICE-PRESIDENTE

Coronel José Joaquim Mendes Leal

SECRETARIOS

Tenente-coronel Fernando Augusto Freiria
Capitão Julio José Domingues

DIRECCÃO

PRESIDENTE

General de divisão José Estevão de Moraes Sarmiento

VOGAIS EFECTIVOS

General José Cesar Ferreira Gil
Coronel Victoriano José Cesar
Coronel Frederico Oom
Coronel Luis Henrique Pacheco Simões
Coronel José Justino Teixeira Botelho
Capitão de mar e guerra Victorino Gomes da Costa
Tenente-coronel Julio Ernesto de Moraes Sarmiento
Capitão Henrique Linhares de Lima

SECRETARIO

Tenente coronel Luis de Mello e Athayde

VOGAIS SUPLENTES

Capitão de mar e guerra Augusto Ramos da Costa
Tenente-coronel Eduardo Alfredo de Araujo Barbosa
Tenente-coronel Arthur Ivens Ferraz

CONSELHO FISCAL

VOGAIS EFECTIVOS

General João Martins de Carvalho
Capitão-tenente Joaquim Anselmo da Matta e Oliveira
Major Alberto David Branquinho

VOGAL SUPLENTE

Tenente-coronel Afonso H. Lopes de Macedo

Empresa da REVISTA MILITAR

SOCIOS HONORARIOS

Sebastião Custodio de Souza Telles

General de divisão

José Augusto Alves Roçadas

General

SOCIOS EFECTIVOS

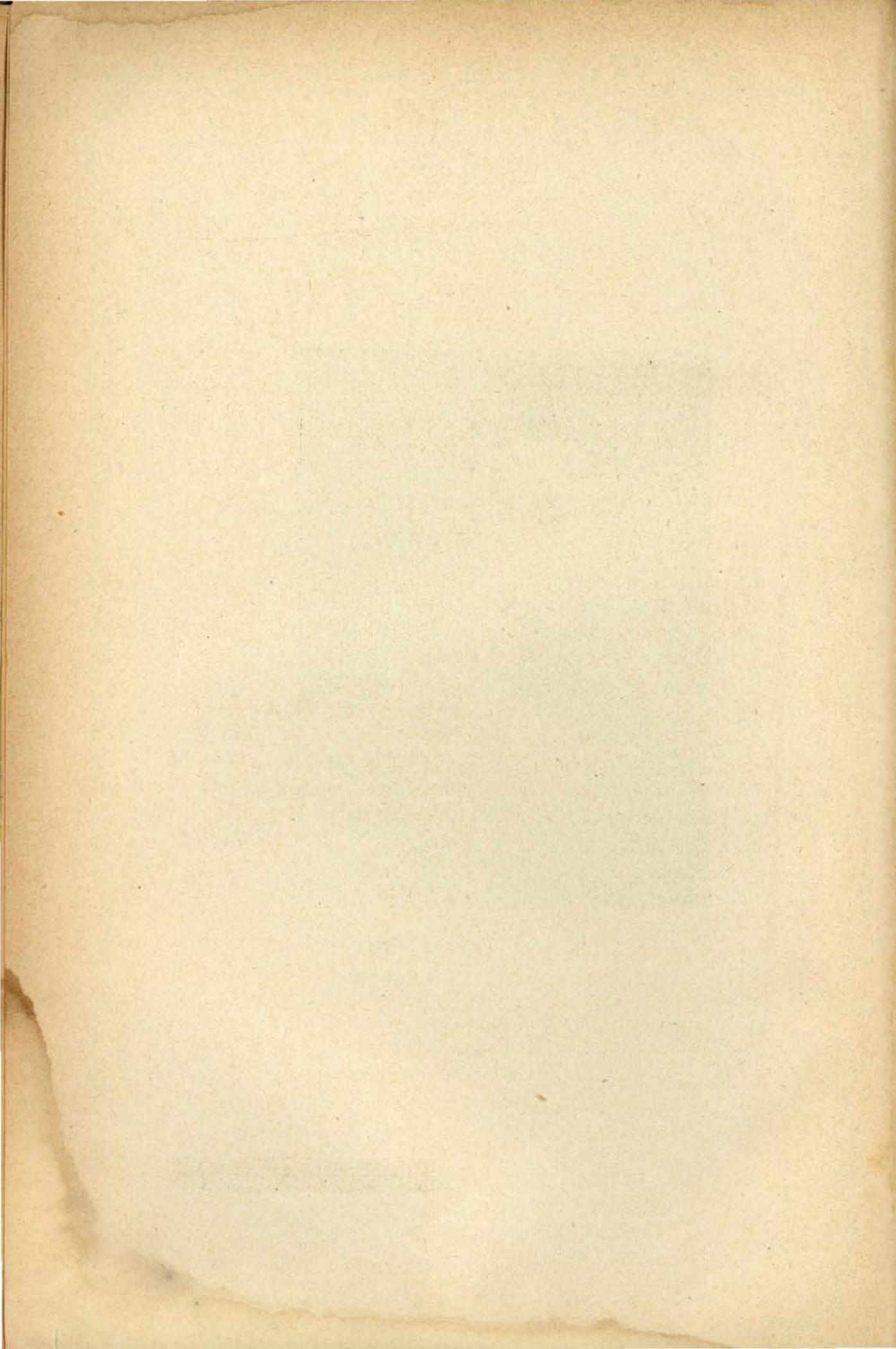
Francisco J. Ferreira do Amaral Vice-almirante	José Justino Teixeira Botelho Coronel d'artilharia
Domingos José Correia General de divisão	Luis Antonio de Vasconcellos Dias Coronel dadm. militar
José Estevão de Moraes Sarmiento General de divisão	João Baptista da Rocha Grillo Coronel
José Fernandes da Costa Junior General de brigada	Afonso H. Lopes de Macedo Tenente-coronel
Alfredo de A. Lopes de Macedo General de brigada	Eduardo Alfredo de Araujo Barbosa Tenente-coronel d'infantaria
João Martins de Carvalho General	Luis de Mello e Athayde Tenente-coronel d'infantaria
Fernando Larcher General	Julio Ernesto de Moraes Sarmiento Tent. cor. de cav. e do serv. do est. maior
José Cesar Ferreira Gil General	Artur Ivens Ferraz Ten. cor. de art. e do serv. do est. maior
Pedro Guilherme dos Santos Diniz Capitão de mar e guerra	Fernando Augusto Freiria Ten.-cor. dart. e do serv. do est. maior
Augusto Ramos da Costa Capitão de mar e guerra	Luis A. Ferreira Martins Major dart. e do serv. do est. maior
Victorino Gomes da Costa Capitão de mar e guerra	D. Antonio José de Mello Major
Luis Antonio Alves Leitão Coronel	Joaquim A. da Matta e Oliveira Capitão-tenente da armada
José Joaquim de Castro Coronel	Alberto David Branquinho Major dadm. militar
Alexandre José Sarsfield Coronel	José Ferreira Martins Capitão
Victoriano José Cesar Coronel do serviço do est. maior	Henrique Linhares de Lima Capitão dadm. militar
José Joaquim Mendes Leal Coronel d'infantaria	Raul Augusto Esteves Capitão de engenharia
Frederico Oom Coronel de engenharia	Manoel da Costa Dias Capitão dadm. militar
Luis Henrique Pacheco Simões Coronel	David José Gonçalves Magno Capitão d'infantaria
Guilherme de Campos Gonzaga Coronel	Julio José Domingues Capitão d'infantaria
Francisco Xavier Corrêa Mendes Coronel do serviço do est. maior	



DR. SIDONIO PAIS

Presidente da Republica

Morto em 14 de Dezembro de 1918



REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 1

Janeiro de 1919

Ano LXXI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Noticias, 78 — Lisboa

LUTUOSA

A vida nacional acaba de ser violentamente abalada por um acontecimento tão grave quão doloroso e abominável: o assassinio do Sr. Dr. Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais, Presidente da República, na noite de 14 de dezembro, quando ia partir para o Pôrto, onde o levava a missão de socorrer os infelizes, ainda mais agravados no seu infortúnio pelos males que implacavelmente nos tem affligido nos últimos anos.

Campo absolutamente cerrado às infernais paixões políticas e que na sua ininterrupta lida de mais de setenta anos nunca teve, nem terá jámais, outro fito senão o de levantar o nome da Pátria, estimulando a cultura intelectual e moral no exército e na marinha, a *Revista Militar*, magoada, veste de crêpes esta página, para nela inscrever a data lutuosa da morte do chefe do Estado, que às elevadas funções dêsse cargo aliava as de Comandante dos Exércitos de Terra e Mar.

Rendido êste preito à memória do nobre Presidente da República, seja-nos lícito apelar para os sentimentos de todos os portugueses, lembrando-lhes que, neste momento em que se extinguem os últimos écos da cruenta guerra, que por mais de quatro anos paralizou a vida universal e em que as nações estudam as laboriosas negociações da paz, a Pátria necessita mais que nunca da união e concórdia de todos os seus filhos, sem as quais mal poderá fazer valer os seus serviços e vingar os seus sagrados direitos.

A DIRECÇÃO.

Novo ano, novos cuidados

A guerra está finda, mas a situação mundial continúa profundamente perturbada, porque todos sentem que as grossas dificuldades, com que os vários países se debatem ha longos quatro anos, se não encontram vencidas.

As condições do armistício são conhecidas; as da paz totalmente ignoradas. Quaisquer que elas sejam, é certo que os povos vencidos terão de se lhes submeter, porque já não contam com meios de resistência eficazes. Mas, para que se entre no anunciado regimen da paz inquebrantável, indispensável se torna aos pactuantes agora prostrados, que nas clausulas arbitradas não figurem preceitos que envolvam humilhação, nem imposições que signifiquem opressão. Supõem êles obstar, a que isso suceda, o advento do reinado de justiça e de equidade, que lhes foi anunciado pelos vencedores, antes e depois de assegurada a sua formal vitória.

Ainda ontem proclamou o beligerante, a quem a Providência reservou a invejável e gloriosa missão de assegurar a paz geral com a sua oportuna intervenção na guerra, que a obra a realizar no presente momento era a — «de dar ordem e organização à referida paz, não só no próprio benefício, mas ainda no dos outros povos do mundo. Não era a mera segurança para si, a aspiração que fôra visada com a referida intervenção, mas a asseguaração da justiça internacional. Os olhos da nação estavam postos na Europa, na Asia, no longínquo e próximo Oriente, e só muito deficientemente nas resoluções da paz, que haviam de ser tomadas às portas da própria casa.»¹

Não podia ser mais nobre, claro e positivo o compromisso tomado, posto que não falte quem o classifique de qui-

¹ Mensagem do Presidente dos Estados Unidos, lida na sessão do Congresso de 4 de Dezembro de 1918.

mérico, pelo que se torna instante saber se todas as potências aliadas se acham conformes com a doutrina exposta. E' lícito duvidá-lo, em vista das declarações feitas publicamente por alguns dos seus estadistas mais eminentes. Confirma ainda a dúvida a resposta dada, em nome dos Estados Unidos, à solicitação de paz, que a Alemanha havia apresentado, subordinada ao teor das condições anteriormente definidas pelo chefe daquela nação, resposta na qual bem ostensivamente se traduziu a divergência reinante entre aquelas potências, pelo menos, na questão da liberdade dos mares, sinónimo da abolição do direito de captura em tempo de guerra.

Mas outros factos de maior transcendência surgem, para robustecer as aludidas suspeitas de não haver sido ainda acordado entre os aliados um perfeito corpo de doutrinas, sôbre o qual haja de ser pactuada a paz geral.

Constitue um dêles, a série de conferências, realizadas entre os chefes dos governos das grandes potências, para assentarem ideias sôbre tal assunto, mostrando-se, do pouco que a imprensa tem revelado a tal respeito, que a empresa não é de tão fácil realização como se poderia deduzir da perfeita harmonia entre elas reinante, durante o período da guerra. E as dificuldades ainda hão de assumir de importância, quando áquelas conferências se seguirem as já anunciadas magnas reuniões preliminares, na qual só então intervirão os delegados especiais dos governos dos demais países aliados, incumbidos de desenvolverem convenientemente as bases assentes por aqueles representantes das grandes potências. A parte de mais fácil realização será a subsequente, isto é, aquella em que intervierem os países inimigos, os quais, perante condições deliberadamente assentes pelos vencedores, verão a sua acção limitada à simples aceitação do tratado imposto, quaisquer que sejam os protestos com que façam acompanhar o seu voto.

Por mais que a diplomacia tente obscurecê-lo, ha um sintoma revelador das grandes dificuldades, que surgem neste momento, em que as grandes potências aliadas buscam realizar o entendimento entre si àcerca das questões magnas a inserir no futuro tratado de paz. E' êle a vinda do Presidente dos Estados Unidos à Europa, quebrando inteiramente as tradições nacionais, que davam como assente ser apenas na

Casa Branca onde se tratavam os assuntos da sua competência especial.

A viagem de Wilson representa, ainda para os espíritos mais incrédulos, a demonstração de ser empreendida com o fito deliberado de conseguir a execução do seu programa de paz, cujo esboço é conhecido do mundo inteiro, ainda quando êle não houvesse francamente declarado o seu intento, à hora da partida, na precitada mensagem ao Congresso, que terminava pelas seguintes palavras: — «Espero regressar com a feliz segurança de que puderam traduzir-se em factos os grandes ideais pelos quais a América lutou.» Nada de mais conciso, nem de mais terminante.

Ora, já nestas mesmas colunas ficou expressa a divergência formal existente entre os aliados, com respeito a doutrinas contidas no referido programa, divergência que suscitou alusões e reparos desagradáveis a jornais, que passam por órgãos das mais notáveis chancelarias.¹ Se essas discordâncias não estão já aplanadas, e o facto da própria viagem faz crer que tal não haja sucedido, é para recear que o acordo geral mais se dificulte com a intervenção directa de M. Wilson nas negociações pendentes.

O estado de ânimo dêste notável estadista revela-se, não só do epílogo transcrito da mensagem referida, mas de outros períodos desta, em que moderadamente, mas por modo formal, se fazem valer os serviços prestados pelos Estados Unidos na terminação da guerra. São êsses trechos os seguintes:

«Ha um ano, mandámos à Europa 145.918 homens, e, desde então, expedimos 1.950.000, ou seja o termo médio de 162.542 mensalmente, cifra que se elevou, em Maio último, a 245.961, em Junho a 278.760, em Julho a 307.182, em Agosto a 289.570, e em Setembro a 257.438. E os transportes dêstes efectivos realizaram-se com inteira segurança, não obstante os extraordinários e desconhecidos riscos com que a navegação lutava.

«Apesar do difícil que se tornava assegurar a precaução contra tais perigos, só perdemos 758 homens, em consequência de ataques inimigos, dos quais 630 se encontravam a bordo

¹ *Revista militar*, n.º 12, de 1918, a pag. 718.

de um único transporte inglês, afundado cêrca das ilhas Orcades.

«Mas não é sôbre a importância do nosso concurso material, nem sôbre a rapidez e a ordem com que êle foi organizado, que pretendo deter-me, mas sim àcêrca do valor e qualidade dos oficiais e soldados, que enviámos à Europa, dos marinheiros que vigiaram os nossos mares, bem como da disciplina que a nação inteira mantinha resoluta atraz dêles. Cada um dos episódios na história dos transportes e na das batalhas fórma a glória, não só do general Pershing, como a do último soldado. A memória dos dias, em que fôram travadas as batalhas triunfantes, ficará perpetuada nesses felizes soldados, acompanhando-os até ao túmulo.

«Nêsses dias, dos quais conservâmos vívida a gratidão a Deus pela sua protecção, foi quando grande número dos nossos soldados marcharam para a linha de batalha, justamente no momento crítico em que a sorte do mundo parecia ir ser julgada na balança, em um de cujos pratos lançámos as nossas forças frescas, fazendo assim vingar a causa da liberdade, a tempo de deter as ondas enfurecidas erguidas na tremenda luta.

«A partir dêsse momento, o inimigo começou a sua retirada, recuando sempre, não progredindo jámais, sendo assim que, decorridos apenas quatro meses, os chefes dos Impérios centrais se reconheciam derrotados.

«E agora que êsses Impérios estão em liquidação, e através de quanto está ocorrendo, observai o formoso espírito, que a nossa nacionalidade revela, e o esplêndido desenvolvimento das nossas energias!»

Por certo que se não poderia expôr mais sugestiva e hábilmente a grande fôrça moral e material de que se acha revestido o Presidente dos Estados Unidos, no momento em que atinge a Europa com o confessado propósito de — «conseguir traduzir em factos os grandes ideais pelos quais a América havia lutado.» Para realizar mais fácilmente essa missão julgou êle oportuno, não só recordar que fôram os numerosos e fortes contingentes nacionais que fizeram pender o fiel da balança, em que se mediam as fôrças dos beligerantes, para o lado dos aliados, mas que êle próprio se encontra hoje no

solo europeu à frente de cêrca de dois milhões de combatentes, tendo a apoiá-lo ainda uma populosa nacionalidade, na qual reina o mais formoso espírito de coesão e as mais esplêndidas energias, vantagens estas da qual nem todos os antigos beligerantes se poderão lisongear.

Ora, as democracias não são menos ciosas, do que os poderosos autocratas, do que julgam representar a sua fôrça e prestígio. E a febre do imperialismo domina já tão profundamente a sociedade americana, que esta se não resignaria facilmente a assistir ao regresso do seu chefe político, batido nas intrigas de embaixadas, depois de haver conseguido pela marcha dos acontecimentos na guerra reputar-se o arbitro da paz. A incerteza da vitória, que por largo tempo reinou nos campos de batalha, apresenta-se, portanto, dominante ainda nas controvérsias diplomáticas, visto como à luta armada se está sucedendo a luta das chancelarias, relativa aos termos em que a paz definitiva deva assentar.

Como bem o fez sentir um distinto publicista espanhol, emquanto o Presidente dos Estados Unidos desprendidamente proclama: — «Nada de anexações territoriais» —, a França reclama a posse da Síria, a Inglaterra a da Palestina, Mesopotamia e determinadas colónias alemãs, o Japão as ilhas Carolinas, Marshall e outras do Pacífico, afóra a ampliação do seu protectorado na China, Quanto a concessões territoriais, sustentou ainda o referido Presidente a indispensabilidade de prévia consulta aos interessados, mas nem a França admite essa formalidade para a Alsácia e Lorena, nem a Itália para as terras *irredentas*, nem a Inglaterra para as regiões e colónias, de que pretende apropriar-se, nem o Japão para as aquisições, que reclama. — «Reparações e não indemnisações» tal foi outra ainda das bases da paz preconizadas pelo Chefe do Estado americano, mas Lloyd George, em Bristol, não duvidou sustentar agora o principio oposto, afirmando que os códigos prescrevem, que em todo o processo quem perde é quem paga, sendo, por tal motivo, que os écos das chancelarias estão revelando dia a dia as gigantescas avaliações dos prejuizos sofridos pelos aliados, durante a guerra, as quais se elevam a centenas de milhares de milhões, que os vencidos terão de pagar, se a doutrina americana não vingar.

E os estadistas, que ao presente dirigem a aludida luta

de chancelerias, mostram compreender, que a resolução de cada um dos problemas surgidos não poderá ser afastada do debate por uma simples declaração negativa. Assim, na questão da liberdade dos mares, àcerca da qual mais ostensivamente se têm revelado as divergências, que separam os aliados, já algum dos membros do gabinete inglês proclamou que, para fixar tal doutrina, se torna essencial definir o alcance dos termos, que a enunciam. Ao *non possumus* radical primitivo já sucede o reconhecimento da conveniência de entrar no campo das composições, fóra do qual não haverá solução da paz geral em condições de firme estabilidade.

O mesmo sucederá na questão dos desarmamentos. A ideia da abolição do recrutamento lisongea incontestavelmente as democracias, sedentas de constituírem um meio apto para lhes assegurar a realização das suas inúmeras aspirações, sem perigo de reação. Mas a paz, que se pretende assegurar, é a da justiça e da liberdade, e não a do predomínio despótico de qualquer das classes sociais. Ora, as proletárias não são menos violentas e injustas do que as aristocráticas ou burguesas, quando não sentem freio, que as retenha na conquista dos seus devaneios. O exemplo da Rússia actual não está tão longe, no espaço e no tempo, que não deva estar bem presente como lição digna de meditativa contemplação.

Por mais que a abolição dos exércitos permanentes constitua a aspiração das referidas classes, para que tal reforma entre no domínio dos factos consumados, essencial se torna que elas demonstrem possuir mentalidade privilegiada, por isenta daqueles vícios e paixões inerentes à humanidade, que têm tornado, até ao presente, a paz o sonho dos sábios e a guerra a história dos homens.

Não faz sentido, demais, que reclamem a abolição dos recrutamentos terrestres os próprios Estados, que não dispensam os armamentos marítimos. Se o policiamento dos mares exige a constituição de um poder forte e numeroso, ainda mais essencial este se torna para o policiamento da parte sólida do globo, por serem mais frequentes os abusos, as contravenções e as violências nesta do que nas regiões aquáticas.

Concordam todas as chancelarias em afirmar ser a constituição da Sociedade das Nações o problema máximo a resolver pelo Congresso da paz, por fórmula que assegure inteira-

mente o reinado da harmonia geral através do decurso dos tempos vindouros. Mas, para que assim seja, convém conhecer qual a constituição dessa assembleia e a espécie de garantia, que afirmará a sanção das suas deliberações. Ora, já surgem as divergências no modo de constituir o projectado organismo. No seu discurso, de 4 de Dezembro de 1917, Wilson enunciou o seu pensamento, atribuindo-lhe a feição de uma ampla sociedade de Povos e não de uma restrita associação de Governos; mas Poincaré, no brinde do jantar dado no Eliseu ao chefe da nação americana, não encobriu o pensamento, que abrigava, de que a futura Sociedade das Nações só devia compreender os países aliados.

E, quanto ao funcionamento do referido organismo, se em uma questão concreta, daquelas que têm o poder de inflamar as paixões dos homens, por atingirem as suas ambições e interesses, as divergências se tornarem irreduzíveis, como e quem assegurará a execução da vontade das maiorias deliberantes, especialmente quando não corresponder a superioridade do seu número à tenacidade, à energia e às forças vivas de que disponham as minorias vencidas?

Apraz-nos o surgimento de todos os progressos, quer de ordem moral, quer material, quando elles anunciam o aperfeiçoamento das condições sociais. Mas, a experiência tem sempre demonstrado quão falazes são as esperanças fundadas em tudo quanto signifique a contrariedade às leis da natureza, que representam a existência de uma Vontade superior, perante a qual se tornam ineficazes todos os esforços humanos. E o conhecimento dessas leis, desconhecidas em grande parte, pouco vulgarizadas estão ainda naquella, que já entrou nos domínios da sciência.

Diz-se freqüente, mas irreflectidamente, que a história é a grande mestra da vida, mas poucos consideram a razão de ser do asserto. E ella consiste na íntima correlação que existe entre a referida história e a psicologia. Na verdade, se a história se repete, é porque os mortos mandam mais do que os vivos, porque a mentalidade das famílias, como a das raças, é tão firme como a sua constituição física. Podem a educação e as circunstâncias derivadas da inconstância do meio exercer domínio temporário na vontade consciente, mas, logo que qualquer acção vibrante faz explodir as paixões, não é ella quem regula

o procedimento dos indivíduos, como das multidões, mas sim a vontade inconsciente, que é constituída pelo agregado de elementos ancestrais, quási sempre heterogéneos, a cujo poderoso impulso não é dado aos seres humanos subtraírem-se.

Tal a razão por que os variados artifícios, a que se tem recorrido para o asseguramento perene da paz, não passam de devaneios, de que a lição do tempo breve se encarrega de demonstrar a ineficácia. A Sociedade das Nações, para afirmação da paz eterna, não representa, nem valerá mais, do que qualquer dos variados sistemas de equilíbrio internacional, a que as chancelarias, no perpassar do tempo, tem recorrido para o mesmo fim.

E essas variadas tentativas do pacifismo quimérico falharam porque eram contrárias à lei universal a que estão sujeitos todos os seres vivos, que é a da luta, representativa da energia e fonte de todos os progressos, assim materiais como morais. Demais, os interêsses económicos dos povos podem levá-los a adorar a paz, mas as divergências irreduzíveis dos sentimentos e crenças, que são apanágio dos seus respectivos caracteres, hão de impeli-los irresistivelmente para a guerra.

Dizia Alexandre Herculano ser o homem ordinariamente mais propenso a contentar-se das ideias alheias, do que a reflectir e a raciocinar. E' certo êste conceito, porque os sentimentos, as emoções e as crenças exercem um poder contagioso, contra o qual nenhum argumento racional póde lutar. Por isto mesmo os estadistas, que exercem a direção dos negócios públicos, quando se dirigem às multidões, ou sejam formadas de compatriotas ou de internacionais, limitam-se as mais das vezes em coordenar afirmações, evitando cuidadosamente a respectiva demonstração, por improfiqua, porquanto não é o raciocínio que procuram despertar, mas sim as paixões dos que os escutam.

Tal o motivo porque se vê produzir contra a existência dos exércitos, constituídos pelo recrutamento actualmente vigente nos diversos países, o argumento de haverem sido êles quem inevitavelmente precipitaram o mundo na guerra, asserção absolutamente contestável e que o exame imparcial da vida internacional destroe.

Não, a existência de tais exércitos não foi a causa determinante da guerra mundial finda, mas antes a razão eficaz do

seu adiamento em muitos dos variados episódios provocados pela Alemanha na sua acção contemporânea de expansão, tendente a conquistar a hegemonia mundial e o domínio absoluto sôbre as demais raças.

Esta aspiração, que é inteiramente inconsciente, porque deriva do agregado de elementos ancestrais, que constituem o carácter da raça teutónica, teve duas grandes épocas históricas em que foi manifestada. Ha um milhão de anos, creou a mais altiva realeza germânica; oito séculos depois recommençou em terreno inteiramente novo a construção dêsse famoso Estado, terminado já em nossos dias, mas a cujo desmoronamento o mundo acaba de assistir verdadeiramente assombroso. Pois dessa primeira manifestação de grandeza não fôram o exército permanente, nem o respectivo recrutamento, as causas determinantes, porque tais instituições ainda estavam bem longe da concepção humana. O que então existia, como ainda hoje, era a crença arreigada no espírito dos germanos de que a sua raça havia sido creada pela Providência com o fim determinante de exercer a hegemonia sôbre o resto da humanidade. Constituíam a Sociedade das Nações, assegúrem a liberdade dos mares, destruíam os exércitos permanentes, façam desaparecer tudo quanto na terra signifique o prestígio da fôrça em apoio do direito, e, ainda assim, a raça germânica há de ter artes para surgir dos escombros da sociedade actual afim de novamente tentar exercer no novo meio aquela missão de que providencialmente se julga incumbida.

Por isso, prestando homenagem às generosas doutrinas, que se invocam para base do funcionamento da projectada Sociedade das Nações, cuja existência formal dependerá das resoluções do futuro Congresso, seja-nos lícito confessar, que duvidosos se nos afiguram os resultados a colher da corrente de ideias manifestadas, por sabermos que, nem as crenças radicadas nas almas dos povos são modificáveis pelos argumentos ou pela coacção, nem o direito começa a fructificar senão quando dispõe da fôrça necessária para se tornar respeitado.

A distinção apresentada entre exércitos destinados à ofensiva e á defensiva é méramente casuística, dêsde que a sciência da guerra assentou que a ofensiva é o melhor processo de defesa, e a prática demonstrou não ter havido jámais na terra

exército algum, por mais colossal êle haja sido, que não tenha tido como razão justificativa, alegada pelos respectivos poderes públicos, ser destinado restritamente a salvaguardar a defesa nacional. E a limitação dos armamentos a efectivos determinados teve a demonstração da sua valia, quando Napoleão I a impôs à Prússia pela paz de Tilsit. Breves anos decorridos, após essa imposição, esta potência ressurgiu com um poder militar por tal modo robustecido, que aquele génio da guerra teve de reconhecer não haver processo de domínio sobre um povo, que quer ser independente, e que, para o conseguir, não recua perante os maiores sacrifícios.

O exemplo da França é de si bastante eloquente, e no seu passado ela deve aprender para salvaguardar o seu futuro. Em 1870, o vencedor não se deteve com quiméras: procurou esmagá-la, por modo a evitar quaisquer tentativas de ressurgimento. Sob esta orientação os seus ouvidos estiveram surdos para palavras de clemência, e o coração alheio a pressões misericórdias, como é próprio de uma raça alheia a sentimentalismos deletérios. Não exigiu mais do vencido, porque entendeu que as imposições, que lhe fizera, bastavam para o inutilizar para reivindicações futuras. Foi um erro, que o próprio Chanceler de ferro confessou curtos anos volvidos sobre a conclusão da paz, e que ainda quiz sanar com a provocação de nova contenda, ao que as grandes potências então se opuzeram, por já haverem reconhecido o erro que, por seu turno, elas haviam cometido, assistindo indiferentes ao esmagamento de um povo, que sempre lutou pelos grandes ideais da liberdade e da justiça, opondo-se elas, só então, firme e tenazmente às pretensões absorventes da raça teutónica.

A França demonstrou agora, após cerca de cincoenta anos de submissão à vontade imperialista do seu secular inimigo, que só aguardava o momento propício para realizar a desforra com que incessante, mas reservadamente, sonhava, executando assim o conselho dêsse grande patriota Gambetta, que na sua grandiosa alma parecia conglobar, com os defeitos, todas as grandes virtudes da raça latina. No exemplo do procedimento alemão, quando a jugulou, deve ela agora, bem como os povos que a acompanharam na luta, inspirar-se no acto de ditar as condições da paz, sem deixar de levar em conta, igualmente, o remorso, que animou Bismarck até aos últimos mo-

mentos da vida, de não haver cravado mais fundo o ferro com que procurou sacrificar a sua vítima.

Deixemos-nos todos de atender às quiméras com que o pacifismo sonhador busca embalar a humanidade, sempre propensa a atender mais à clemência do que ao rigor, para sómente termos presentes os preceitos derivados das leis da natureza. A vida é a luta; a sociedade é a guerra; a energia é a fonte única de todas as vitórias, assim materiais como morais.

Portanto, a paz eterna ha de ser sempre o sonho irrealisável dos espíritos sonhadores, que no pacifismo julgam poder ser encontrada a chave, que ha de abrir as portas do Paraiso terreno. Não proclamamos o terror e a vindicta como regra de procedimento social, porque o nosso próprio espírito sempre foi orientado nos princípios de liberdade e tolerância, sem os quais reputamos não haver paz, nem progresso, nem prosperidade pública. Admitimos a generosidade e benevolência para todas as infrações de ocasião, mas para os criminosos profissionais entendemos, que o coração deve ser alheio à compaixão, porque o exercício irrefletido desta tem como consequência fatal a glorificação dêsses seres anormais no meio em que vivem com a sua redundante pululação.

Ora, a raça germânica tem demonstrado, através do decorrer dos séculos, a sua incompatibilidade com as demais raças, que busca sempre oprimir, quando as circunstâncias se lhe mostram propícias. Sob êste ponto de vista é uma criminosa irreductivel. Não desconhecemos as qualidades notáveis que a distinguem, e a tornam notável propulsôra da marcha da civilização, mas o vício primacial exposto é que a incompatibiliza para a vida internacional e obriga as demais raças a colocá-la em circunstâncias de se tornarem inteiramente impotentes os seus instintos absorventes e dominadores.

E' esta a obra essencial, que deve caber ao Congresso da paz, que se vai reúnir, a qual mais e melhor assegurará a manutenção de paz geral do que a organização proposta da Sociedade das Nações, que o tempo se encarregará de demonstrar não ter maiores virtudes para a conseguir do que quaisquer dos processos de equilíbrio internacional até ao presente experimentados.

Para o confirmar, desde já, basta atender ao que se está passando na Europa oriental, e tão oportunamente é apontado

pelo notável publicista italiano Guilherme Ferrero. — Ainda a Polónia se não pode considerar renascida, e já está em luta com a Lituania, com a Ukrania e com a Alemanha. A Ukrania está em guerra contra a Polónia e a Roménia. A Roménia contra a Ukrania, Hungria e Bulgária; a Boémia contra a Hungria e a Alemanha. Não permitiram os escrúpulos patrióticos daquele escritor ampliar o quadro exposto, fazendo igualmente notar os conflitos, que a própria Itália na hora presente procura derimir, surgidos entre ela e os yugoslavos, relativos à posse da Dalmácia, cuja regência foi por estes oferecida ao Príncipe Real da Sérvia, para assim opôr a grande Sérvia às ambições italianas. Embora ainda não corra o sangue por motivo dessa resolução do conselho nacional de Zagreb (Agram), as ondas de injúrias, já arremessadas reciprocamente pela imprensa representante das duas raças rivais, revelam mais uma daquellas irredutibilidades da mentalidade das castas, que só na guerra encontram solução.

A Sociedade das Nações será uma instituição impotente, se não tiver ao seu serviço a força necessária para se fazer respeitar, com os inconvenientes contra os quais agora tanto se proclama, ou, no caso contrário, uma oligarquia irresponsável e, portanto, mais odiosa do que o despotismo individual, geralmente limitado na sua ação pelo temor das responsabilidades contraídas.

Sabemos bem que, lançada uma opinião para o seio das multidões, e estabilizada por estas, não ha poder de lógica, nem fartura de factos contraditórios aduzidos, que consigam destruí-la. São os ódios, as simpatias ou as esperanças, e não os raciocínios, quem robustecem as opiniões surgidas, transformando-as em manifestações da vontade soberana dos povos, e sómente as paixões ou os interêsses subsequêntes têm, na evolução do tempo, o poder de as destruir ou modificar. Demais, a popularidade das opiniões torna-as contagiosas. Como os germens epidémicos, alastram e exercem a sua ação, apesar de todos os processos profiláticos empregados para as deter na sua marcha.

Ora, a ideia da Sociedade das Nações, como preservativo da guerra, foi lançada em termos de propaganda próprios para dever ser considerada como subsistente, através de todas as dificuldades ocorrentes.

Portanto, toda a controvérsia no assunto não conseguiria anular o que a fatalidade do destino decretou, e é apoiado por um chefe de Estado prestigioso, como Wilson, à frente de um exército de cêrca de dois milhões de homens, em plena virilidade de fôrças, sedentos de glória e animados de um másculo espírito imperialista, o que oferece contraste frisante com os demais poderes militares, uns inteiramente aniquilados pelo esgotamento do sangue derramado, e pelos efeitos da indisciplina ao serviço da anarquia, e outros pelo enervamento natural em quem atravessou quatro anos seguidos de guerra, experimentando toda a sorte de perigos e trabalhos, embora suavizados pelas glórias conquistadas.

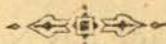
Êste estado de coisas origina preocupações no nosso espírito, porque representa um desequilíbrio, cujos efeitos é de re-crear se façam sentir rudemente nas decisões tomadas pelo aréopago em formação, á data em que as presentes linhas são escritas. Nêsse areópago tomam parte representantes de todas as raças civilizadas, cada uma das quais com sentimentos e crenças próprias, inteiramente irreduzíveis pela natureza ancestral, o que as tornará absolutamente anárquicas, desde que não exista uma fôrça diretriz que as canalize.

E' evidente, de quanto fica precedentemente escrito, que se propõe exercer esta acção o Presidente dos Estados Unidos, por si ou pelos seus directos representantes, o que não deixará de fazer brotar ciumes, embora ocultos, que na seqüência do tempo poderão transformar-se em causas eficientes de novos conflictos, cuja gênese se pretende evitar.

Porventura a guerra mundial, que acaba de terminar, não deveu, também, a sua existência a algumas das resoluções do Congresso de Berlim, tomadas aliás com o intuito de assegurar a paz universal?

A história repete-se.

GENERAL MORAIS SARMENTO.



AS METRALHADORAS

Sua evolução orgânica e tática

A idéa que presidiu à concepção da *metralhadora* não é moderna.

É mesmo muito antiga, pois remonta ao século XIV.

Os primeiros modelos que apareceram, eram constituídos por uma série de canos dispostos num plano e alojados numa coronha comum, que se colocava num reparo rodado.

Numa mesma máquina, havia canos de vários calibres, a que correspondiam alcances diferentes, de modo a obter-se uma zona batida de uma certa profundidade.

Existem no museu de artilharia de Paris, alguns exemplares destas armas, a que se chamavam *ôrgãos*, ou *ribandequins (chariots à orgues)*. Alguns destes modelos têm 6 e outros 9 canos.

O fogo era comunicado por meio de um rastilho, obtendo-se assim salvas de 6 e 9 tiros.

O carregamento era muito demorado e por isso o rendimento de uma tal arma, era insignificante.

No mesmo museu existe uma destas armas com 4 canos e de carregamento pela culatra.

Quando as peças de artilharia começaram a empregar a metralha, as metralhadoras foram postas de parte, visto que o seu rendimento era inferior ao daquelas armas.

O aperfeiçoamento das armas de fogo portáteis, permitindo um maior alcance e maior rapidez de tiro, trouxe novamente a idéa da construção de metralhadoras, com o fim de se arremessarem simultaneamente um grande número de balas.

Em 1830, um belga, ex-oficial do Grande Exército, e que regressára ao seu país depois da queda de Napoleão I, inventou uma metralhadora com muitos canos dispostos paralelamente, segundo as geratrizes de um cilindro.

O carregamento era pela culatra e a percussão obtinha-se por um mecanismo especial. Construíram-se na Belgica muitas destas armas, com vários canos, havendo modelos com 50 canos, e com o calibre das armas portáteis.

O seu aspecto geral, era de uma peça d'artilharia. Permitia fazer 2 tiros por minuto, lançando portanto neste tempo 100 balas. O seu alcance era de 2.000^m.

Uma tal arma era, porém, muito pezada e por isso o seu emprego só era possível no ataque e defesa das praças, e como tal, figurou em 1832, no sitio de Antuerpia e em 1843, na defesa de Barcelona. No exército belga empregá-va-se especialmente no flanqueamento dos fossos, na defesa dos parapetos e das esplanadas das praças fortes, para o que se montava num reparo d'eclipse, ou num reparo abrigado.

Era ainda empregada na defesa dos desfiladeiros e das localidades, nos angulos dos quadrados da infantaria, e ainda para contrabater a artilharia de campanha, que então não tinha maior alcance.

É possível que o invento do belga Fafschamps, fôsse conhecido dos americanos, pois em 1861, apareceram nos Estados do Norte, algumas metralhadoras, cuja construção era devida à indústria particular. O invento fôra recebido com entusiasmo pelos americanos, que então lutavam com a falta de soldados e de armamento. O melhor modelo que então apareceu, foi o da *bateria Gatling*, que tinha uma culatra fixa, e eram os canos que recebiam movimento de rotação em torno de um eixo central paralelo aos mesmos.

Em França, a nova arma despertou a atenção de alguns officiais, em virtude dos elogios que lhe foram feitos pelos jornais americanos em seguida à guerra. Em 1863, Napoleão III, encarregou o capitão Reffye, de proceder ao estudo de um novo modelo de metralhadora.

O modelo apresentado por aquêlê official, foi aprovado em 1866, procedendo-se desde logo ao seu fabrico, o que se fez com o maior segredo.

Em 1868, havia já 24 baterias de metralhadoras. Cada uma destas armas tinha 25 canos de aço, dispostos em cinco circumferências concentricas, e contidos num envolucro de bronze, de forma que apresentava o aspecto de uma peça de campanha. Esta metralhadora tinha os canos fixos, e a culatra é que era móvel.

Permitia fazer 6 tiros por minuto; isto é, enviava 150 balas neste tempo.

Dizia-se que o seu alcance era de 3.000^m, e quando de facto não passava de 1.800 metros.

A metralhadora Reffye, montada no reparo, e levando este 2.100 cartuchos, pesava 1.800 kg., o que tornava esta arma imprópria para acompanhar a infantaria.

Por esta razão e porque o seu alcance era superior ao da artilharia, quando esta empregava a lanterna, foi a metralhadora destinada a constituir baterias, fazendo parte dos grupos de baterias de artilharia, e a substituir esta, quando era preciso empregar a metralha.

Os franceses, porém, não se limitaram em 1870, a empregar as metralhadoras neste caso especial, mas utilizaram-nas na luta com a artilharia alemã, empregando o seu fogo a distâncias em que elle se tornava ineficaz; e, quando era preciso fazê-las avançar mais, eram em breve, com 2 ou 3 granadas, postas fora de combate pela artilharia inimiga.

É preciso ainda notar que, tendo o fabrico desta arma sido feito com o maior segredo, desconhecendo por completo as suas propriedades balísticas, aquêles que tinham de manejá-la, ella não pôde ser convenientemente utilizada. Daí o seu descrédito. É preciso comtudo observar, que esse descrédito provinha do seu mau emprego tactico, pois quando era empregada contra a infantaria, ou contra a cavalaria, deu excellentes resultados. E de facto, em Mars-la-Tour, quando a 38.^a brigada de infantaria prussiana avançou sob o fogo das metralhadoras francesas, foi quasi aniquilada, pois, tendo um efectivo de 95 officiaes e 4.545 praças, perdeu em pouco tempo 12 officiaes e 2.542 praças. Da mesma forma as metralhadoras empregadas na defesa da ponte de Joseph-l'Evêque, na batalha de Mans, impediram os alemães de avançar, causando-lhes enormes perdas.

A metralhadora sofreu desde então successivos aperfeiçoamentos, tornando-se mais portátil, e, desde que foi reduzida a um só cano, deixou de apresentar um grande alvo ao inimigo.

Os russos empregaram com vantagem as metralhadoras em 1877 na guerra contra os turcos; o mesmo succedeu aos chilenos em 1879, na guerra contra os peruanos; e ainda os ingleses em 1882, no Egito, nas operações contra Arabi-Pachá.

Depois a sua importância aumentou na guerra marroquina e na guerra russo-japonesa em 1904.

Os russos partiram para a guerra apenas com 40 metralhadoras, não lhes ligando grande importância, pois o general Dragomirof, que era então uma autoridade, que todos acatavam, dizia que nenhum exército de campanha, digno deste nome, deveria usar metralhadoras. Os japoneses, pelo contrário, dotaram as suas unidades com grande número de metralhadoras, a ponto de terem na batalha de Mukden 200 destas armas. Os russos, reconhecendo o erro cometido, trataram então de adquiri-las apressadamente; mas em Mukden não tinham mais que 88. O seu emprego tático tornou-se então racional, sendo empregadas com a infantaria, ou contra esta arma. Foi principalmente nas guerras coloniais que se reconheceu a enorme vantagem de obter uma grande massa de fogos com um pessoal reduzido, chamando-se às metralhadoras a *infantaria condensada*. Nos exércitos europeus começou-se então a ligar grande importância às metralhadoras; mas uma nova questão se levantou. Deveriam ser empregadas só na *defensiva*, ou também na *ofensiva*; e ainda, se deveriam ser consideradas como uma *reserva* à disposição do comando superior, ou se deveriam fazer parte integrante das pequenas unidades.

Ainda quando rebentou a actual guerra não havia comunidade de vistas na resolução destes problemas.

Os que consideravam como uma necessidade tática o emprego das metralhadoras na ofensiva, acompanhando sempre a infantaria em todas as situações, instigaram os construtores a fabricar uma arma ligeira, que pudesse ser transportada a dorso de solipede e até a braços dos soldados. Daí resultou a grande variedade de modelos, chegando-se assim à *espingarda-metralhadora*, o modelo mais portátil que se tem fabricado.

O capitão Takenonchi, do exército japonês, aproveitando as lições da guerra em que tinha tomado parte, era um dos que sustentava que as metralhadoras deveriam ser destinadas sómente à defensiva, não admitindo que fôsem empregadas na primeira linha do dispositivo de combate para apoiar e acompanhar a infantaria no seu movimento ofensivo inicial, reconhecendo contudo a sua utilidade na *posição principal de fogo*.

Em França, o major Bourdon era da mesma opinião, só admitindo o seu emprego na posição principal de fogo, e a

partir d'aí, ou quando muito a partir de 1.200^m, em terreno descoberto.

Um outro distinto oficial francês, Rouquerol, era também partidário do emprego das metralhadoras na defensiva, onde teriam o mais importante papel, admitindo porém a necessidade da sua cooperação com a infantaria na preparação e execução do ataque.

Outros porém eram partidários do emprego das metralhadoras tanto na defensiva, como na ofensiva, entre êles citaremos os generais Luzeux e Fayolle, assim como Meunier.

O general Luzeux dizia: "As metralhadoras devem seguir por toda a parte a infantaria e entrar em todas as fases do combate."

O general Fayolle (então coronel), ex-professor de tática d'artilharia da Escola Superior de guerra francesa, dizia "que a metralhadora deveria ser a companheira inseparável da infantaria, combatendo com ela e por ela."

O general Meunier, seguindo o mesmo critério, já afirmava que as metralhadoras substituiriam com vantagem as *baterias de acompanhamento*, visto que estas dificilmente poderiam acompanhar a infantaria na zona dos fogos eficazes da infantaria. Desta mesma opinião era também, o então coronel, Fonclare. O capitão Piglone Lingi, do 2.º regimento alpino, emitia a opinião de que a metralhadora, oferecendo um alvo muito menos visível que a peça d'artilharia, era a única arma suscetível de acompanhar a infantaria, podendo aproveitar como esta as ondulações do terreno para se desenharem e atuar na própria linha de fogo da infantaria, substituindo com vantagens as baterias de acompanhamento.

E se da opinião dos diversos escritores, que têm tratado do assunto. passarmos ao exame dos diversos regulamentos, encontraremos também um completo desarcôrdio na opinião oficialmente consignada nêsses documentos. — O regulamento Suisso dizia que as perdas nas metralhadoras eram muito mais sensíveis que na artilharia, por ser muito reduzido o seu pessoal, e que a regulação do tiro era difícil; e, como às pequenas distâncias bastavam algumas patrulhas inimigas, constituídas por bons atiradores, para pôr fóra de combate as metralhadoras, aconselhava que era na defensiva que o emprego destas deveria ser preferido, sendo então destinadas à defesa

dos desfiladeiros, para enfiar as estradas, especialmente de noite, para bater as linhas de obstáculos e para cooperar nos contra-ataques, para o que deveriam ser colocadas sobre os flancos.

— O regulamento alemão de 1902 dizia que as metralhadoras ofereciam no campo de batalha um objectivo menor que os atiradores de infantaria combatendo nas mesmas condições, e que eram mais aptos que a infantaria para resistir às perdas, podendo utilizar os mesmos abrigos que a infantaria, desde o momento que não fossem montadas em reparos. Considera vantajoso o emprego das metralhadoras nas guardas avançadas para cooperarem com a infantaria no ataque aos pontos de apoio; e ainda considera eficaz a sua acção no ataque às posições fortificadas, obrigando os defensores a ocultar-se nos entrincheiramentos, tendo de suspender o fogo, ou atirando mal, o que facilita o avanço da infantaria. Manifesta-se, pois, pelo emprego das metralhadoras também na ofensiva.

Já em 1877-78 os russos tinham empregado as metralhadoras contra os turcos nos seus entrincheiramentos, tendo sido suficiente duas metralhadoras para repelir um contra-ataque e obrigar os defensores a abrigar-se nas trincheiras donde tinham partido.

— O regulamento belga de 1911 aconselha o emprego das metralhadoras sempre que haja falta de homens ou de espaço, ou se careça duma grande massa de fogos contra um inimigo superior em forças; e que na ofensiva deverão acompanhar a infantaria para favorecer a sua marcha e opôr-se aos retornos-ofensivos.

— Uns regulamentos não preconizavam a dessiminação das metralhadoras, antes as queriam empregadas em grandes massas, constituindo grandes baterias, e portanto sendo uma reserva de fogos à disposição do comando. Tal era a doutrina consignada no regulamento de infantaria inglês. O regulamento alemão também aconselhava o emprego de baterias com 6 ou mais metralhadoras, empregando o fogo às distâncias de 1.200 a 1.500^m. Era esta a opinião seguida por Balck e que se ensinava nas escolas de guerra alemãs.

Os japoneses na guerra da Mandchúria empregaram baterias de 6 metralhadoras, como sucedeu nos combates de Sandepou e de Mukden, instalando-as a 1.000^m do inimigo. Reco-

nhecendo porém que a reunião de um grande número de metralhadoras num espaço restrito apresentava um grande alvo, limitaram o seu emprego a grupos de 2.

Também ao principio as metralhadoras constituíam uma dotação de regimento (6 em cada um), e só nos últimos meses é que deram 3 metralhadoras por batalhão de infantaria; e o fogo, em vez de ser executado às grandes distâncias, passou a ser executado a 500 ou 700^m, raras vezes a 1.200, e eram empregadas nas linhas mais avançadas do combate.

Os alemães consideraram as metralhadoras como dotação regimental, enquanto não tiveram o número suficiente para considerarem-nas como dotação orgânica dos batalhões. No começo da guerra actual tinham uma companhia de 3 secções em cada regimento de infantaria, e grupos independentes.

Hoje na Inglaterra também as metralhadoras se empregam em pequenas fracções, sendo distribuídas duas a cada batalhão. E' certo que o fraccionamento das metralhadoras já tinha sido considerado uma necessidade pelos generais John French e John Hamilton em 1907, após as grandes manobras, apesar de ter sido este último general primeiramente de opinião de se empregarem baterias de 6 e 8 metralhadoras.

— O regulamento romaico determinava que as 6 metralhadoras do regimento de infantaria fossem empregadas reunidas, como regra geral, e que só em casos excepcionais fossem distribuídas aos batalhões.

A' evolução que se foi dando no emprego táctico das metralhadoras, tem correspondido paralelamente a evolução orgânica desta arma, determinada pelos sucessivos aperfeiçoamentos por que tem passado.

Antes, porém, de passarmos a examinar o *emprego táctico das metralhadoras*, indicaremos quais sejam as suas *principais propriedades características* e quais os mais importantes modelos que têm sido adoptados nos diversos escritos.

Propriedades características. As metralhadoras para poderem acompanhar a infantaria em todas as fases do combate, devem ser *portáteis*, devendo-se condenar o transporte em reparos rodados no campo de batalha, e só se admitindo o transporte a dórso ou a braços. Portanto, não devem pesar mais de 20 kg.

Em 1914, os alemães estavam dotados com a metralhadora

Maxim, que peza 16,5 kg. Empregando um resfriador de água (4 litros), pésa com êste 22 kg., e montada no tripé, o seu peso é de 34 kg. Os 4 litros d'água são suficiêntes para a realização do 2.500 tiros; e, se não se renovasse água, no fim de mais 300 tiros o cano ficáva incapaz de servir.

O cano é coberto por uma camada de cobre por electrolyse para evitar a ferrugem.

Torna-se indispensável limpar o interior da culatra no fim de 1.500 tiros.

Emprega uma fita de aço, cujo peso é de 1^{kg},190, e que carregada com 250 cartuchos, pésa 6^{kg},940. Dantes a fita era de pano, o que tinha sérios inconveniêntes.

Esta metralhadora dá 406-500 tiros por minuto.

Depois de 500 tiros a água entra em ebulição e o vapôr denuncia a metralhadora ao inimigo.

A alça é graduada de 400 a 2.000 metros. Esta metralhadora emprega a luneta Zeiss de forma poligonal.

Experiências feitas na Belgica em fins de 1911, com os môdelos Maxim, Madsen, Hotckiss e Schwarlose, puzeram em evidência a superioridade do primeiro môdelo, e por isso tambem o exército belga foi dotado com aquêla máquina, 3 secções por cada regimento de infantaria, o que corresponde a 2 metralhadoras por batalhão.

Na Alemanha, além das metralhadoras dadas aos batalhões de infantaria, constituem-se ainda grupos de 2 ou 3 companhias, cada uma destas a 3 secções (6 metralhadoras), e que ficam à disposição do comando. Há ainda secções de *espingardas-metralhadoras*, tendo cada secção 9 máquinas.

Os belgas empregáram tambem a Hotckiss. Há vários tipos de metralhadora dêste fabricante. O môdelo 1914, pésa 16 ou 18 kg. e os cartuchos da fita (de aço) são 20 ou 40.

Não tem resfriador d'água, mas tem um radiador de um metal especial. O radiador não evita, porém, o grande aquecimento e por isso no fim de cada série de 1.000 tiros, substitue-se o cano por outro de reserva, operação que se faz em 15 segundos.

Há ainda um môdelo Hotckiss, que pésa 7^{kg},5, e é o uzado nos biplanos, empregando fitas com 250 cartuchos, e cuja velocidade de tiro é de 200 a 300 por minuto.

Em França são empregados vários môdelos de metralha-

doras, sendo os mais usuais — a Saint-Etienne M/1907, a Puteaux e a Hotchkiss M/1914, e mais recentemente a Chauchat. A St.-Etienne pode dar 700 tiros por minuto, mas em geral não se fazem mais de 400. Emprega uma fita de aço nikelado com 25 cartuchos. Como o cano é de aço com uma liga de manganês, o grande aquecimento não lhe faz perder a tempera.

A metralhadora assenta num reparo-tripé, que permite duas posições de tiro: a normal (de pé ou de joelhos) e a deitado.

Na primeira, o soldado assenta-se num coxim da flecha; na segunda, deita-se ao longo da peça. Esta metralhadora pésa 24 kg. e montada no reparo peza 55 kg. Uma secção de 2 metralhadoras tem 27 homens de guarnição e dispõe de 10.800 cartuchos.

Nas estradas, o transporte é a dórso ou em pequenas viaturas atreladas; mas nas zonas de fogo, são transportadas pelos homens.

O exército francês emprega ainda, e em larga escala, a espingarda-metralhadora M/1915, de 6,5^m/m, uzando um carregador com 20 cartuchos. O cano é envolvido, a partir da bôca, por um *radiador* de alumínio. A arma pésa 9 kg.

O soldado atirador conduz esta metralhadora ligeira, e oito carregadores, cujo peso é de 8 kg., ou sejam 160 cartuchos, e uma bolsa de limpeza, que pésa 0^{kg}.700. Leva ainda uma pistola automática com 3 carregadores, cujo peso é de 1.800 kg. Portanto, êste soldado leva um peso de 19,500 kg.

A guarnição desta arma compreende 3 soldados; o atirador e 2 municidores.

O 1.º municidor transporta 480 cartuchos e uma pistola automática com 3 carregadores, representando tudo um peso de 20^{kg}.700.

O 2.º municidor transporta 384 cartuchos em cinco bolsas e vai armado de espingarda M/1886, cujo passo é de 6 kg. Portanto, êste homem leva um peso de 19^{kg}.200. Os 3 homens da guarnição de cada espingarda-metralhadora, levam, portanto, 1.024 cartuchos.

Com esta arma pode-se executar o tiro simples, ou o tiro contínuo.

Quando se emprega este último sistema de tiro, pode o fogo executar-se por três maneiras: por meio de *rajadas* cur-

tas de 2 a 3 cartuchos cada rajada; de *rajadas*, de 6 a 8 cartuchos cada uma (e é o tiro normal); e executando-se o *tiro contínuo* até consumir os 20 cartuchos do carregador. Nêste último caso a velocidade é de 40 tiros por minuto, em virtude de um dispositivo especial.

O *atirador* é quem procura os objectivos, gradúa a alça, executa o tiro e regula a intensidade do fogo. O 1.º *muiciador* marcha á direita do atirador e auxilia o bom funcionamento da arma. O 2.º *municiador* serve de explorador durante a marcha, apanha os carregadores vasíos, assecura o municia-mento, e está preparado sempre para intervir com o fogo da sua espingarda e baioneta. nos momentos em que se substitue o carregador, ou quando há qualquer embaraço no funcionamento da metralhadora.

Esta metralhadora ligeira, tem na extremidade uma forquilha, formada por dois tubos metálicos terminados em ponta. Esta forquilha permite que, quando o atirador executa o fogo (ordináriamente *deitado*), a arma tenha três pontos de apoio, de modo a aumentar a estabilidade, e que são; a forquilha, o antebraço esquerdo e o ombro direito.

Em geral, cada companhia de infantaria tem 16 espingardas-metralhadoras.

Podemos agora organizar um quadro comprovativo entre a metralhadora, a espingarda-metralhadora e a espingarda regulamentar francêsa.

A metralhadora pésa 24 kg. e com o reparo 55 kg.; a espingarda-metralhadora pésa 9 kg.; a espingarda carregada e com baioneta pésa 4^{kg.},900.

A metralhadora dá em um minuto 300 tiros, a espingarda-metralhadora dá 140. e a espingarda 11 tiros.

Uma guarnição de 27 homens corresponde a 2 metralhadoras, dispondo de 10.800 cartuchos; a mesma guarnição corresponde a 9 espingardas-metralhadoras com 9.200; a mesma guarnição corresponde a 27 espingardas, dispondo de 3.240 cartuchos.

O exército inglês e as tropas portugúesas do C. E. P., empregam a *metralhadora ligeira Lewis* e a *metralhadora pesada Vickers de 7^{mm},7*.

A metralhadora Lewis, cuja invenção se deve ao coronel americano de artilharia do mesmo nome (e que outros dizem

de invenção belga e modificada por um dentista), é uma arma recentemente empregada. O seu peso é de 13^{kg},500. O cano é envolvido por um tubo cilíndrico de alumínio com 6^{mm} de espessura, tendo uma superfície 16 vezes maior que a do cano, e, como a condutabilidade termica do alumínio é seis vezes maior que a do aço do cano, a temperatura nunca excede 200° c., mesmo com uma velocidade de 400 tiros por minuto. O reparo é um tripé, tendo êste uma disposição especial, quando se quiere executar o tiro antiareo. O carregador é cilíndrico e contém 50 cartuchos dispostos em espiral com as pontas voltadas para o centro.

Em virtude de um movimento de rotação produzido pela acção dos gazes, os cartuchos passam do carregador para a caixa da culatra.

Com esta metralhadora pode-se empregar o tiro simples, ou o tiro de repetição, e êste de rajadas de 4 ou 6 tiros, separadas por intervalos de um ou meio segundo. Permite dar 200 a 800 tiros por minuto, para o que se gradúa a quantidade de gazes a utilizar para acionar o mecanismo de repetição.

Tanto os ingleses como as tropas portuguezas do C. E. P., emprégam tambem a *metralhadora pesada* Vickers de 7^{mm},7 com refrigerante de água.

A metralhadora com o refrigerante cheio de água pésa 17^{kg},074. O tripé em que assenta pésa 21^{kg},528. As fitas, contendo 250 cartuchos, são constituídas por duas tiras de linho de 6^m,30 de comprimento e 0^m,04 de largura, sôbrepostas e cravadas por meio de lâminas de latão, de modo que entre cada duas lâminas se aloja um cartucho. O carregamento das fitas, faz-se por meio de uma máquina especial, ou então à mão. Á máquina, carregam-se 120 cartuchos em um minuto; mas à mão, cada homem não carréga uma fita em menos de 12 minutos.

A metralhadora no reparo, com o refrigerante cheio de 4,5 de água e com uma fita carregada, pésa em números redondos, 50 kg. O refrigerante não deixa elevar a temperatura a mais de 150° c., e o vapor d'água é condensado num sacco de lona, para não denunciar a metralhadora.

Esta metralhadora pode ser transportada a dórso, ou em viatura rodada.

— Quando se transporta a dórso, emprega-se um arreo especial.

Do <i>lado esquerdo</i> vai o tripé, e um cano de reserva com vareta, pesando.....	23 ^{kg} ,598
do <i>lado direito</i> vai a metralhadora e refrig. e o depósito de água, sendo o peso.....	25 ^{kg} ,668
por <i>cima do dórso</i> vai uma caixa de ferramenta, pesando.....	8 ^{kg} ,384
A carga total é de.....	
	57 ^{kg} ,650

— O carro para o transporte do material da metralhadora é composto de duas viaturas, perfeitamente iguais, ligadas entre si por meio de uma clavija, e cada uma montada num rodado.

A viatura da frente transporta 2 metralhadoras e respectivos refrigerantes de água, 20 cunhetes com fitas carregadas, 2 tripês pesados e 2 tripês leves, 8 fitas metálicas para 30 cartuchos cada uma, o tambôr metálico cheio de água, e outros acessórios, de forma que a carga é de 334^{kg},590.

A viatura da rétaguarda transporta 4 caixas de munições, tendo cada uma 1.000 cartuchos, 30 sacos de terra, 20 cunhetes com fitas carregadas, 4 fitas de reserva, uma máquina de carregar fitas, ferramentas e outros acessórios, sendo a carga de 349^{kg},054.

— O exército americano, além das metralhadoras Colt e Vickers, tem empregado recentemente as metralhadoras Browning, havendo um tipo ligeiro (6^{kg},5) com a aparência de uma espingarda, e o tipo pesado (15^{kg},650). O tipo ligeiro tem um resfriador de ar, enquanto que o tipo pesado emprega um resfriador de água.

A primeira emprega um carregador com 20 ou 40 cartuchos, enquanto que a pesada utiliza uma fita de 250 cartuchos, sendo esta fita carregada com uma máquina idêntica à da Colt.

O tipo ligeiro pode funcionar automaticamente, utilizando uma parte dos gases da combustão da pólvora, ou semi-automaticamente, em virtude de uma alavanca, que regula a entrada dos gases.

O tiro pode ser continuo, ou simples, como nas espingardas ordinárias.

Com a metralhadora ligeira não se devem fazer mais de 350 tiros sucessivos, pois de contrário, a temperatura seria grande e o atirador teria de interromper o fogo, esperando o arrefecimento do cano.

Este resfriamento obtem-se por meio de uma esponja imbebida em água. Esta metralhadora só tem 20 peças principais, que podem ser obtidas por meio de uma máquina ferramenta.

O seu armamento, desarmamento e limpeza são simples e rapidos.

— O atirador leva uma cartucheira com 120 cartuchos e um dos municiaes leva 400, e o outro 240.

Cada carregador pesa 652 gramas.

A metralhadora pesada pode ser montada num avião, tirando-se-lhe então o resfriador, e nestas circunstâncias pesa só 10 kg.

— O exército austriaco tem empregado a metralhadora Schwarzlose, fabricada em Steyr, e que pesa 17^{kg},200. Utilisa um resfriador de água, e com o resfriador cheio pesa 18,500. A sua velocidade inicial é de 580^m e o alcance é de 2.000^m. Emprega um escudo, cujo peso é de 20 kg.

Monta-se num tripé-reparo, que permite a altura máxima de 0^m,60 e a minima de 0^m, 25, e cujo peso é de 18^{kg},500. A rapidez do tiro atinge 400 tiros por minuto, e pode fazer fogo durante 8 minutos sem ser preciso renovar a água e arrefecer o cano.

Esta metralhadora é transportada a dôrso. Uma das suas principais características é ter apenas uma mola.

— No exército italiano tem sido empregada com vantagem a metralhadora Perino, que pesa 25 kg. e o seu tripé 20 kg. E' transportada a dôrso. Emprega um carregador metalico com 25 cartuchos. Num pequeno cofre vão 10 carregadores (250 cartuchos), os quais são introduzidos automaticamente. Esta metralhadora permite dar 500 tiros por minuto. O seu alcance é de 2.000^m. Tem um resfriador de água, sendo esta renovada sem se interromper o tiro. Custa metade do preço da Maxim.

— Muitos outros modêlos há de metralhadoras, como a

Madsen e a Rexer adotadas na Dinamarca, pesando esta última apenas 8 kg.

Não nos alongaremos a enumerar e analisar outros tipos, passando a indicar algumas outras propriedades das metralhadoras. Como já temos dito, a metralhadora com um pessoal reduzido, e como seqüência da grande rapidez do tiro, permite obter uma grande massa de fogos. Porém a rapidez do tiro não deve ser exagerada. Comquanto possa atingir 800 a 1.000 tiros por minuto, não convém exceder 400 a 500. A grande rapidez de tiro produz um considerável aquecimento do cano, o que faz perder à arma as suas propriedades balísticas, visto que naquelas condições o cano dilata-se e as estrias quasi desaparecem, caindo as balas a 300 metros. E' certo que para evitar um excessivo aquecimento se tem recorrido aos resfriadores, ou de água ou fundados na diferença de irradiação, termica entre o metal do cano e o do irradiador; mas êste meio não permite levar a rapidez até ao seu máximo, e mesmo a exagerada rapidez exigiria um considerável consumo de munições não compatível com a acção táctica produzida.

E' preciso ainda notar que se, uma metralhadora, fazendo fogo com a velocidade de 500 tiros por minuto, dá em 1/30" 750 tiros, o que representa o fogo de 50 atiradores, dando 10 tiros por minuto, comtudo o fogo colectivo de 50 atiradores bate uma zona de terreno maior, por isso que o cano de dispersão das balas da metralhadora tem pouco mais de 100 metros de profundidade e uma largura de 5 a 10 metros, à distância de 1.200 a 1.500^m, reduzindo-se mesmo a 2^m, à distância de 500 metros.

E' preciso ainda notar que, se não se determina com um certo rigor a distância ao alvo, a eficacia do tiro da metralhadora pode tornar-se nula, e assim teremos um inutil consumo de munições.

De facto um êrro de 50 metros para as distâncias inferiores a 1.000^m reduz muito a eficacia, e para a distância superior essa eficacia pode mesmo ser nula. E' por isso que se torna indispensavel o uso do telemetro para avaliar as distâncias com um êrro inferior a 0,04. Cada companhia de metralhadoras precisa ter, pelo menos, um telemetro instantaneo de base fixa, e cada oficial precisa ter um binoculo telemétrico.

Supondo que uma metralhadora executa o fogo em terreno

sensivelmente horisontal, e atendendo a lei de dispersão, poderemos estabelecer um gráfico dessa dispersão, por onde facilmente se conclue a influência que têm na eficacia os erros cometidos na avaliação da distância ao alvo.

72	54	36	18	0	18	36	54	72
2%	7%	16%	25%	25%	16%	7%	2%	

Pelo presente gráfico se vê que um erro de 18^m na alça faz passar os pontos de queda da zona de 25% para a de 16%; se o erro é de 36^m, os pontos de queda passam para a zona de 7%; se o erro é de 25^m, os pontos de queda estarão na zona de 2%; e finalmente, para os erros superior a 72^m, a eficacia é nula.

Se comparassemos este gráfico com o que analogamente construíssemos para as zonas de eficacia do tiro da espingarda de igual calibre, veriamos ainda que a precisão do tiro da metralhadora é quasi 3 vezes maior que a da espingarda, e por isso o erro na apreciação da distância reduz a eficacia de quasi 1/3 em relação à da espingarda.

Torna-se, pois, necessário ao official que comanda uma secção de metralhadoras apreciar com mais rigor a distância ao alvo, ter um conhecimento mais perfeito do terreno, e mais profundos conhecimentos tácticos, do que o comandante de uma secção de infantaria.

Torna-se ainda indispensável regular primeiro o tiro da metralhadora antes de se passar ao *tiro de eficacia*¹, o que exige que o chefe de peça observe com um binóculo os efeitos do tiro.

E' ainda para notar que a metralhadora não pode destruir obstáculos, nem bater os atiradores abrigados, o que pertence à artilharia.

Tem porém uma grande importância para bater as ravinas nos terrenos montanhosos. A sua ação não é menos importante nos terrenos sensivelmente planos, mas então têm-se de

¹ A regulação do tiro faz-se de ordinário por secção (raras vezes por companhia) e empregando o fogo de salva (em geral de 50 cartuchos); mas ter-se-á de prescindir da regulação, se o objetivo é muito movel, ou pode subtrair-se ao fogo quasi instantaneamente.

empregar numerosas metralhadoras. Os alemães têm chegado a empregar uma metralhadora por cada 20 metros de frente.

Se as metralhadoras permitem obter, em curto praso, uma grande massa de fogos, contudo não podem sustentar por muito tempo um fogo intenso, tornando-se necessário dar intervalos de descanso para arrefecer o cano e fazer-se a indispensável limpeza.

Havendo todo o cuidado na observância destes preceitos, uma mesma metralhadora pode fazer muitos tiros. Cita-se o caso de uma metralhadora francesa ter dado 75.000 tiros nos combates que tiveram lugar em volta de Verdun de 25 de fevereiro a 4 de março de 1916.

E' preciso considerar a metralhadora como uma nova arma, intermediária à infantaria e à artilharia, não podendo substituir nem uma, nem outra, mas cooperando especialmente com a infantaria. As *metralhadoras ligeiras*, numa maior intimidade com esta arma, acompanhando-a por toda a parte, executando o fogo principalmente às medias e curtas distâncias; as *metralhadoras pesadas*, executando o fogo às grandes distâncias, mesmo por cima das tropas de infantaria. As primeiras, associando-se às companhias de infantaria; as segundas, constituindo unidades de batalhão ou de regimento. Nos pequenos exércitos seria, porém, para desejar que houvesse um único tipo de metralhadora, e seria a *ligeira*.

Esta metralhadora poderia então ter dois tipos de reparo: um para quando se executa o fogo às curtas distâncias, e outro para o fogo às grandes distâncias. Neste caso eram precisos o óculo de pontaria, o reparo-tripé e o escudo. Às curtas distâncias só se torna preciso o escudo, e até este poderá ser construído de modo a servir de reparo. O escudo abriga 2 serventes, pondo-os ao abrigo do fogo da infantaria ou das metralhadoras inimigas até à distância de 100 metros, distância desde que pode então ser atravessado pelas balas daquelas armas. E' por isso que seria para desejar que a guarnição de uma metralhadora ligeira fosse apenas de 2 homens (o atirador e o observador), pois 4 homens junto da máquina constituem um excelente alvo, se não estiverem abrigados.

O remuniamento das máquinas dever-se-á antes obter fazendo junto délas um pequeno depósito de munições, pois o sistema de ir passando as fitas ou as caixas, de homem para

homem, numa cadeia de ligação, deve ser condenado, e a actual guerra tem mostrado a sua impraticabilidade.

As metralhadoras ligeiras, oferecem ainda a vantagem de ser transportadas nas marchas, 2 em um pequeno carro, puchado a um caválo ou a um cão, como fazem os belgas e os alemães.

Os suíços chegam a transportar 8 metralhadoras com o escudo-reparo e respectivas munições num furgão de montanha, sem que o peso exceda o dum cofre de munições de infantaria.

E, são éstas 8 metralhadoras que êles considéram como a dotação necessária para cada companhia de infantaria no combate próximo. Comtudo, pela sua organização actual, no exército suíço há por enquanto, uma companhia de metralhadoras em cada batalhão. Independentemente das metralhadoras de batalhão, téem ainda metralhadoras divisionárias, um grupo de 3 companhias em cada divisão, ou seja uma companhia por brigada. Nas metralhadoras ligeiras, de batalhão, só o comandante da companhia vai montado; nas metralhadoras divisionárias todos são montados. Desta forma, as metralhadoras pesadas, téem maior mobilidade que as de batalhão, e podem por isso, marchar mais à retaguarda, constituindo uma reserva à disposição do comando.

É preciso ainda notar que, enquanto as companhias de metralhadoras ligeiras de batalhão téem 6 peças, transportadas em carros a 1 caválo, as companhias de metralhadoras divisionárias téem, além das 6 peças em viaturas atreladas a 4 caválos, mais 6 cofres, levando cada um, além das munições (8.000 cartuchos), 2 metralhadoras com seus reparos-escudos. Portanto, a companhia divisionária dispõe de 18 metralhadoras, sendo 6 para o combate afastado, e 12 para o combate próximo.

Passemos a estudar o *emprego tactico das metralhadoras*.

Deveremos considerar o seu emprego na *ofensiva* e na *defensiva*.

Antigamente consideráva-se a metralhadora só útil na defensiva, talvez devido à pouca mobilidade que tinham os môdelos então empregados. Ainda no começo da actual guerra os franceses considerávam as metralhadoras como uma *reserva de fogos*, e por isso as secções (3 ou 4 por cada regi-

mento) eram mantidas à retaguarda, de forma que a sua intervenção era, em geral, tardia, preocupando-se muito os franceses com o grande consumo de munições e com as dificuldades do remuniamento, e era por isso que condenavam a prévia distribuição das metralhadoras pelos batalhões.

Depois, foram empregadas como *cobertura* da infantaria, às médias e pequenas distâncias, para facilitar o avanço.

Ora, antes de começar a actual guerra, já a Alemanha e outras nações tinham distribuído metralhadoras aos batalhões de infantaria, como fazendo parte integrante destes, além dos destacamentos independentes, que eram então considerados como adstritas às reservas táticas e à disposição do comando. Já mesmo no fim da guerra da Mandchuria, o Japão tinha 9 metralhadoras em cada regimento, 3 por batalhão.

É hoje evidente que na *ofensiva* as metralhadoras devem fazer parte das *guardas-avanzadas* para cooperarem com a infantaria no ataque aos pontos de apoio e depois na conservação destes, pois é então que se torna útil dispôr de uma grande massa de fogos.

Casos tem havido na actual guerra, em que o fogo de uma metralhadora, tem detido o avanço de um batalhão. Companhias tem havido que perderam 75 % do seu efectivo, sob a acção do fogo das metralhadoras inimigas.

As metralhadoras ligeiras devem acompanhar as companhias avançadas, ou colocando-se nas linhas dos atiradores, ou nos intervalos que se produzem entre as unidades (muitas vezes por causa do terreno), e ainda nos flancos, para bater de enfiada as tropas da defesa e para fazer frente aos contra-ataques.

Na *posição principal de fogo*, tomam parte activa em cooperação com a infantaria, acompanhando-a até à *posição preparatória d'assalto*, onde então a sua importância é máxima. É preciso, porém, que as metralhadoras se conservem em íntima ligação com a infantaria. É a partir da posição principal de fogo que os alemães consideram de maior utilidade o emprego das metralhadoras.

Como a artilharia não pode sustentar a infantaria na posição preparatória d'assalto, esse apoio é-lhe dado pelas metralhadoras.

Na *conclusão*, quando se tenha desalojado o inimigo de

uma posição, as metralhadoras devem proteger a infantaria que se reorganiza, tomando posições de flanco, aproveitando como abrigos as crateras feitas pelas granadas da artilharia, e opondo-se com o seu fogo aos retornos ofensivos; que o inimigo tente fazer.

Nesta missão tomam parte importante as metralhadoras pesadas.

Na *perseguição pelos fogos*, é também notável o papel desempenhado pelas metralhadoras, e em especial as que instaladas nos aviões, como têm feito os aviões ingleses, pairando a 300 e 100 metros.

Nos ataques a posições organizadas defensivamente as metralhadoras devem tomar posições dominantes ou de flanco.

Muitas vezes as metralhadoras terão de ir ocupar as suas posições de noite, para de manhã cooperarem com a infantaria, obrigando os defensores a abrigarem-se nas trincheiras, permitindo assim à infantaria a execução do assalto:

As metralhadoras pesadas podem executar *fogos de barragem*, executando o tiro por cima da infantaria que avança, podendo cooperar com a artilharia nesta especie de fogos. As metralhadoras podem escalonar o tiro em profundidade para aumentar a *zona de barragem*; não devendo manter o limite inferior da zona de barragem a menos de 400^m da infantaria que avança.

Vê-se quanto deve então manter-se uma íntima ligação entre a infantaria que avança e as metralhadoras que executam o fogo de barragem.

Os fogos de barragem tanto se podem empregar para sustentar a infantaria que avança, como para proteger a sua retirada.

Nos combates de *retirada*, as metralhadoras entram em larga escala e resistem até à última, realizando mesmo uma missão de sacrificio, se tanto fôr preciso.

Quando os alemães resolveram retirar para a margem direita do Avre, nos primeiros dias de agosto de 1918, executaram a retirada da seguinte forma:

Primeiro retiraram a artilharia e 2 batalhões por cada regimento de infantaria; depois, de cada batalhão que ficou, retiraram 2 companhias e ficou uma; por fim retirou esta companhia, deixando como cobertura a oeste do rio, patrulhas de

combate e uma secção de metralhadoras, cuja guarnição era de 7 homens.

As secções de metralhadoras das diversas companhias, aguentáram-se até à noite, retirando então, as que não fôram destruídas.

Na *defensiva*, o papel das metralhadoras é primacial. Emprégam-se para bater os desfiladeiros e os pontos obrigados de passagem do inimigo; emprégam-se nas *linhas avançadas* da posição principal, e mesmo nas *posições destacadas*, ainda que corram risco de serem perdidas. Então o fogo pode começar a maiores distâncias (1.500 a 1.800^m), permitindo obter com pouco pessoal, uma grande massa de fogos. Na batalha de Mukden, 2 secções de metralhadoras russas destruíram quási por completo, um batalhão japonês, que avançava em muitas linhas ao ataque da povoação de Hautchenpen.

Na defesa dos *pontos d'apoio*, constituídos por povoações, as metralhadoras préstam excelentes serviços, ocupando posições abrigadas e dispondo-se em profundidade, pois assim se oferece ao inimigo sucessivos centros de resistência, que o vão gastando e demorando no avanço. No ataque à pequena aldeia de Pozières, que tinha 400 habitantes, os australianos sofreram perdas enormes, pois os alemães tinham aí mais de 200 metralhadoras: Os defensores puderam resistir durante 48 horas; e depois que os australianos penetraram na povoação, ainda leváram 4 dias e 4 noites em combates de ruas, sofrendo numerosas baixas, pois as metralhadoras inimigas, surgiam de diversas partes. Os atacantes tinham julgado que o fogo da artilharia tinha destruído todas as metralhadoras, quando é certo que tinham escapado 48, e foi com estas que os defensores sustentáram uma tão enérgica resistência. Só os granadeiros ousados conseguiram, depois de uma luta tenaz, destruí-las à granada e à bomba. No ataque a Laffaux, os franceses sofreram grandes perdas causadas pelas numerosas metralhadoras alemãs.

Os *ninkos* de metralhadoras com que os alemães guardam os pontos de apoio, têm sido o mais terrível inimigo dos assaltantes.

Na defensiva emprégam-se com vantagem nos *salientes* para bater de flanco os atacantes. Nos terrenos levemente ondulados, organizam-se *ninhos* de metralhadoras nas próprias

escavações feitas pela artilharia do atacante: Nessas escavações instalam-se as metralhadoras, bastando 3 ou 2 homens para cada uma delas. São estas metralhadoras que ceifam as vagas dos assaltantes. E', pois, indispensável destruí-las primeiro, antes de realizar o assalto, ou então fazer preceder as colunas de infantaria pelos *carros d'assalto (tanks)*, como têm feito os ingleses e franceses.

Antigamente a maior parte das metralhadoras em primeira linha, eram empregadas em *blokaus*, o que permitia facilmente ao inimigo referenciá-los, e, portanto, destruí-las pelo fogo da artilharia.

Hoje, ou se instalam nas escavações, ou, se estão em trincheiras, conservam-se abrigadas em casas-matas, elevando-se no momento preciso por meio de reparos de eclipse, ou por meio de elevadores. Os abrigos podem ser feitos um pouco à retaguarda da posição de combate, mas ligado a esta por uma passagem subterrânea. O número de abrigos deve até ser superior ao das metralhadoras para não ter as guarnições muito reunidas, podendo êsses abrigos ser de cimento e à prova das granadas de grosso calibre.

Nos *estacionamentos* as metralhadoras são empregadas com toda a vantagem nos *postos avançados*, pois é a arma que melhor satisfaz ao princípio da economia das forças.

De *noite* são empregadas nos pontos de passagem obrigados, mas o seu tiro deve ser preparado de dia, ou então dar-se às metralhadoras *projectores*, que se instalam nas proximidades, estabelecendo-se a ligação telefónica entre o comandante das metralhadoras e o dos projectôres.

Nas *retiradas*, as metralhadoras executam o fogo até à última extremidade, protegendo a infantaria, facilitando a sua retirada, sacrificando-se mesmo.

Foi o que aconteceu a 25 de fevereiro de 1916 em Louvemont, a N. E. de Verdun, onde as metralhadoras francesas foram ocupando posições sucessivas de retirada.

Quando foi da tomada de Roye, a 26 d'agosto de 1918, os alemães protegeram a sua retirada, organizando guardas de retaguarda, onde predominava a artilharia de 7^{cm},7 e as metralhadoras, estas em grande número, retirando por lanços, e ocupando posições sucessivas, onde se mantinham, em geral, uma hora.

De todo o estudo que temos feito, se conclue, que as metralhadoras constituem hoje a *ossatura das linhas de combate* às próximas distâncias.

Para concluir, diremos que nas retiradas, o reconhecimento das posições a ocupar pelas metralhadoras, é feito por um oficial enviado pelo comandante do grupo, enquanto que nas marchas para a frente, e nas posições defensivas, esse reconhecimento é feito pelo próprio comandante do grupo (ou companhia); e que na escolha da posição se deverá atender mais à eficácia do fogo, do que ao desenfiamento, que deve ser considerado em segundo lugar; e ainda, que na marcha para a posição, o terreno deve ser esclarecido, especialmente em terreno arborizado e a entrada em posição, deve fazer-se a coberto e o fogo deve ser iniciado rapidamente e por surpresa.

E' preciso ainda atender ao consumo de munições e ao remuniamento das metralhadoras.

Atendendo à rapidez do tiro e ao grande número de metralhadoras que hoje se empregam, compreende-se quanto será enorme o consumo de munições! Basta notar que nos últimos combates do "*Chemin des Dames*", muitas metralhadoras consumiram 30.000 cartuchos por cada dia de combate. Na defesa dos arredores de Compiègne pelos couraceiros franceses, combatendo a pé, algumas das suas metralhadoras, chegaram a consumir 40.000 cartucho num dia.

Podemos, portanto, considerar como uma média 20.000 cartuchos por metralhadora em cada dia de combate; e, como também, em média, têm lugar por mês, 10 dias de combate, chegamos à conclusão, que deveremos contar com uma dotação de 200.000 cartuchos por metralhadora, por cada mês de operações. Esta será a base para calcular a dotação em cartuchos que se deve dar às divisões de infantaria ao entrarem em operações, e qual a produção a exigir das fábricas, para manter esta dotação.

Se mantivéssemos 2 grupos de metralhadoras de 3 baterias a 2 secções cada bateria, conforme se projectava no nosso R. M. de 1916, seriam precisos para as 24 metralhadoras de cada divisão, 4.800.000 cartuchos por mês.

Se mobilisássemos 4 divisões, seriam precisos 19.200.000 cartuchos.

E agora para a infantaria? Não podemos aqui dizer qual

o tempo que a nossa fabrica precisaria para satisfazer a estas exigências da guerra moderna. Mas . . . por um momento pensem, os que têm a responsabilidade tremenda dos destinos do país, nesta granvíssima questão.

Concluiremos dizendo que as metralhadoras constituem um grande recurso para os exércitos dos pequenos países. Estes deverão, pois, aumentar a dotação em metralhadoras das unidades de infantaria e cavalaria. Precisamos de muitas e muitas metralhadoras, ligeiras e pesadas, e também de muitas espingardas-metralhadoras.

E' certo porém que talvez não seja preciso estarmos a pensar nestas cousas sérias, pois o tempo é preciso para outras cousas, e além disso vai ter logar a paz. Os homens vão transformar-se. Não mais haverá guerra . . . até à primeira.

V. C.



Preparação de oficiais para o exército americano em operações na Europa ¹

Princípios reguladores do curso de instrução

Ao chegar a este ponto, diz o oficial espanhol, cujo relatório vamos acompanhando, que julga preferível substituir as suas observações pessoais pelos próprios conceitos e explicações contidas no preâmbulo do programa geral, redigido pelo Estado Maior do exército americano, para o curso de instrução de oficiais, cujas principais disposições teve ocasião de conhecer e traduzir e que seguidamente reproduz:

«Ao estabelecer este programa de instrução para *candidatos a oficial*, procurou-se muito especialmente incluir nêl tudo quanto de fundamental e indispensável constitue a essência dos conhecimentos do oficial, assim como o ensino elementar dos métodos de combate modernos. Com um curso de tres meses de duração, indubitavelmente não podem formar-se oficiais por completo instruidos, mas é possível obtê-los possuindo um cabal conhecimento dos princípios fundamentais do modo actual de combater, ao passo que a instrução pormenorizada e o desenvolvimento das noções adquiridas, necessariamente hão de ser alcançados na posterior escola da prática regimental.

«Uma mais aperfeiçoada organização defensiva e o aumento e melhoramento das armas de guerra, modificaram notavelmente os actuais métodos de combate. A lucta em campo aberto e a guerra de movimento e manobra, para a qual nos havíamos preparado no passado, cedeu o lugar, pelo menos temporariamente, à guerra de posição e de trincheiras.

«Entretanto não devemos perder de vista o facto evidente de não haverem sofrido alteração os princípios fundamentais

¹ Continuado da pag. 738 da *Revista Militar* n.º 12 de 1918.

da tática, e que apenas ocorreu uma variante na fórmula de os aplicar.

«O avanço da infantaria para o ataque tem que ser executado em ordem aberta; é tão impossível, como outr'ora, dominar o material só com os homens; a utilização dos acidentes do terreno conserva a mesma importância de sempre; a necessidade de um pessoal bem instruído continúa sendo imperiosa, etc.

«Não devemos também esquecer que ainda que os beligerantes estão agora empenhados na guerra de posições e de trincheiras, podem com o tempo chegar a operações em campo aberto ou a uma combinação de ambos os modos de combater, pelo que seria loucura preparar-se para a aplicação apenas de um método, excluindo o outro.

«Deu-se portanto ao programa geral da instrução uma elasticidade tal que permita aos instructores, depois de terem feito nas suas aulas uma completa exposição dos princípios do combate em campo livre, consagrar o resto do tempo disponível, dentro do total auctorizado para tal assunto, a uma adaptação desses princípios à guerra de trincheiras. Este fim deve ser tido sempre em atenção, organizando o ensino de modo que a êle precisamente corresponda. Assim, por exemplo, o ensino da fortificação será aproveitado para construir um sistema tipo de entrincheiramentos de dimensões normais, completado com redes de arame, abrigos, postos de observação e de escuta, linhas e pontos de apoio, instalações de metralhadoras, postos de comando, etc. . . . tal como se encontram em quasi todas as frentes de batalha europeias.

«Depois de terminado este trabalho, o ensino do lançamento de granadas, do serviço nas trincheiras, de escutas, observações, *raids*, ataques, incluindo os feitos com emprêgo de gazes, surpresas, transmissão de sinais, e todos os demais pormenores do combate em entrincheiramentos, tornar-se-ha muito mais agradável e interessante, sobretudo se o instructor souber imprimir ao ensino uma fórmula amena.»

Em conformidade com as ideias expostas nos períodos do preâmbulo que ficam transcriptos, o Estado Maior estabeleceu um programa geral e uma proporção horária para as treze semanas da duração do curso, deixando aos instructores completa iniciativa para desenvolver em toda a sua plenitude e

pormenores os princípios fundamentais que haviam de dominar o ensino, entre os quais se salientava, como principal, o fim de produzir instructores inteligentes, capazes de transmitir a instrução recebida.

Como regra geral, os tempos de instrução estabelecidos no programa foram repartidos por cinco dias da semana, da segunda à sexta-feira inclusivé, deixando livre o sabado, quer para recuperar as horas que fossem perdidas nos dias anteriores, devido ao mau tempo ou outras causas, quer para praticar a vacina, efectuar observações físicas, provas especiais, etc., e ainda para ampliar o ensino e a prática de tudo quanto a experiência aconselhasse.

Ainda que a instrução fôsse necessariamente dada em conjunto, diligenciou-se sempre dirigí-la individualmente e não à unidade orgânica, companhia ou bateria, isto é, foi um ensino individual mas ministrado colectivamente.

As conferências ou aulas teóricas foram de curta duração e seguiram-se imediatamente ao estudo preparatório feito pelos alunos, o qual por sua vez não foi longo, mas sim dividido em períodos de uma hora de duração, como máximo. Este sistema deu excelentes resultados, pois o aluno, com as idéas frescas e sem preocupações ou confusões produzidas pelo estudo seguido de matérias diferentes, aproveitou muito melhor as explicações dos professores.

A divisão do tempo obedeceu à seguinte ordem: estudo, conferências, trabalho prático. O estudo durante a noite versou em geral sôbre o trabalho prático a efectuar no dia seguinte.

Tendo em consideração que grande parte dos alunos, devido às suas ocupações ou profissões, não possuia hábito algum da vida nos acampamentos, houve grande cuidado em não exagerar a duração dos exercícios físicos durante os primeiros tempos da sua permanência nos campos de instrução. Começou-se por um trabalho leve, que, pouco a pouco, se foi tornando mais intenso até chegar a ser verdadeiramente violento. Por esta e outras razões, o programa não foi repartido pelos dias de duração do curso, mas sim por semanas, reunindo-se todos os instructores no fim de cada semana para discutir e fixar o horário da imediata.

P. S.

(Continua).

Obras oferecidas

- 1 Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos.—*Subsidios para a historia do constitucionalismo.*—**Excertos do Diario d'um liberal o marechal de campo Agostinho Luiz Alves.—De 1821 a 1847.—Compilação de efemerides e documentos.**—por A. LOBO ALVES. Separata do n.º 27 da "Revista da Historia".—Porto, 1918.—1 opusc. (0^m,28 × 0^m,18) de 70 pags.

São muito apreciados no estrangeiro os trabalhos de natureza identica aquelle que temos na nossa frente, porque concorrem para esclarecer devidamente pontos obscuros da historia e para derramar sobre outros mais intensa luz. A longa carreira militar do autobiografado, atravessada numa das epocas mais agitadas da nossa nacionalidade, muito concorre para lhe dar relêvo especial.

O Marechal de campo Agostinho Luiz Alves assentou praça em 1803, em infantaria n.º 12, então destacado na Baía, no Brazil, regimento onde seu pai era official, e no qual se conservou, tomando parte na guerra civil, que só terminou pela independencia daquela nossa antiga possessão.

O seu Diario começou em 7 de julho de 1821, quando este acontecimento surgiu, e acompanha todos os factos notaveis occorridos, até ao regresso à metropole, em 28 de agosto de 1823. Segue-se-lhe um periodo de silencio, quebrado em 31 de julho de 1826, em que se jurou a Carta Constitucional, que deu causa à sublevação do General Silveira. Desde então o Diario acompanha, até 1835, todos os factos notaveis occorridos na nossa historia militar e nos quais o seu autor tomou parte ou de que teve conhecimento mais preciso. Ha nele paginas demasiado interessantes e documentos dignos da consideração dos estudiosos.

Novo periodo de silencio surge, desde 20 de dezembro de 1835 a 30 de agosto de 1837. Occorrendo nesta data o movimento denominado — *A revolta dos marechaes* —, no qual tomou parte o autor, continua a registar no seu precioso Diario os varios acontecimentos politicos e militares occorridos, mas sendo menos interessantes, do que os anteriores, os apontamentos respectivos.

Desde 23 de setembro de 1837 a 11 de outubro de 1846 foi suspenso aquelle registo, que é renovado em 11 de outubro de 1846, tornando-se então do maior interesse, porquanto o illustre general faz nas suas efemerides, não só a critica sobre as faltas ou erros tecnicos cometidos na preparação do combate de Torres Vedras, ou durante a acção, mas refere-se directamente ao procedimento de alguns dos mais

notáveis personagens, que maiores responsabilidades assumiram nos acontecimentos da época.

Finda em 22 de outubro de 1847 a curiosa compilação de efemérides e documentos, tão cuidadosamente reunidos pelo Sr. Dr. Lobo Alves e que tanto honram a memória de seu ilustre avô.

Que saudades vivas provocou na pessoa, que escreve estas linhas, a leitura de quanto fica referido! E' porque às paginas do Diário do Marechal de campo Agostinho Luiz Alves se ligam intensamente às nossas recordações da mocidade.

O nome daquele valente militar era repetidas vezes rememorado com saudade por nosso próprio pai, quando nos narrava as glórias e sofrimentos de que ambos haviam compartilhado. Depois, quando, em 1854, fomos admitidos no Collegio Militar, não só tivemos a honra de o conhecer e tratar, em Mafra, onde comandava o batalhão de caçadores n.º 1, mas passámos a ter como condiscipulo, até ao fim do curso, seu filho, encetando nós ambos no mesmo dia a carreira militar, na qual ele adquiriu solida reputação de excelente official de cavalaria. Quantas vezes, durante a vida colegial, tivémos ocasião de referir mutuamente episodios da vida paterna! Depois, na antiga Escola do Exercito, em quantos incidentes da mocidade colaborámos! Mais tarde, ambos vimos nossos filhos, igualmente ligados por mútua consideração e estima, proseguirem na carreira medica, e, quando o nosso desapareceu instantaneamente da vida, lá o foi acompanhar à sua ultima jazida o neto do marechal de campo Agostinho Luiz Alves!

Tres gerações sucessivas unidas pelos duplos laços da camaradagem profissional e da consideração e estima pessoal é facto que se não dá frequentemente.

Como a vida é triste e especialmente dolorosa para aqueles a quem a Providencia tem reservado o seu maior prolongamento!

A ocasião não é, porém, para lamentações plangentes, antes para manifestação de regosijo, porque o suscita o facto de ver como que condensadas no Dr. Lobo Alves as virtudes, que honraram e nobilitaram os seus ilustres progenitores. Se o trabalho, que anunciamos, é demonstração evidente da cultura do seu espirito, não o é menos da elevação do seu character. Nas breves palavras que, como prefacio, dedica à memoria de seu avô e dirige a seus filhos e sobrinho, o esclarecido medico revela a alta qualidade de educador, que orgulhosamente pode adicionar à de profissional ilustre, que todos lhe reconhecem.

- 2 Academia das Sciencias de Lisboa. — **Os Papeis de Alexandre Dickson. — Um itinerario em Portugal em 1908**, por J.J. TEIXEIRA BOTELHO, socio correspondente. — Coimbra, 1918. — 1 opusc. (0^m,23 × 0^m,15) de 23 pags.

Como todos os trabalhos do seu esclarecido autor, ainda este se distingue pelo interesse do assunto e pela meticulosidade com que são expostas as varias considerações, que suscita.

Entre outros officiais ingleses, que vieram servir no nosso país, du-

rante a guerra da Península, figurou o então capitão de artilheria Alexandre Dickson, sendo as funções, que primeiro exerceu, as de major de brigada do general Howorth, comandante das forças de artilheria do exercito britânico, em Portugal, passando posteriormente para o serviço das tropas daquela mesma nacionalidade.

Durante essa carreira, o official citado foi registando sucessivamente as suas impressões, tendo organizado ainda mais especialmente um Diário, de tudo quanto constituía valioso repositório de noticias com o valor que merecem documentos de tal natureza.

Pela sua morte todos esses papeis foram oferecidos ao Regimento Real de Artilheria Inglesa por seu filho, Collingwood Dickson, general e artilheiro, estando agora a ser colecionados com intelligente criterio e impecavel escrupulo pelo major Leslie, que acumula os meritos de official distinto com os de literato notavel.

Versa o opusculo, que agora publicou o nosso presado camarada e amigo, Sr. Coronel Teixeira Botelho, sobre a indicação dos trabalhos assim coordenados e divulgados, pondo em relevo o seu alto merito e a importancia que merecem para a historia das nossas tradições, porquanto «— a observação intelligente e imparcial de Dickson é quasi sempre favoravel para Portugal e amável para os portuguezes, diferindo muito das obras de alguns outros viajantes, aos quais o despeito às vezes turva o critério, que se desenrola em apreciações e até em doestos e alusões imerecidas».

Esta simples transcrição basta para demonstrar que a memoria presente tem um fim nobremente patriótico, sobre o da sua incontestada valia literaria. A Academia das Sciencias de Lisboa bem o reconheceu, inserindo-o no seu Boletim, do qual foi extraido a *separata*, que deu origem à presente noticia.

A interessante e valiosa publicação do Sr. Coronel Teixeira Botelho é acompanhada pelo itinerario elaborado pelo official inglês, por todos os titulos digno da reprodução agora realizada.

Devem lêr a valiosa monografia, que annunciámos, todos os que se interessam pelo conhecimento das honrosas tradições nacionais, tanto mais quanto que o seu autor é um dos escritores que sabem reunir sempre o util ao agradavel, isto é, instrui e deleita conjuntamente, nos trabalhos literarios e historicos, que empreende.

3 FERNANDO DE OLIVEIRA PINTO, 1.º tenente de marinha.— **Batalhão de Marinha Expedicionario a Angola.**— Ano 1914-1915.— Lisboa, 1918.— 1 opusc. (0^m,23 × 0^m,16) de 66 pags., com uma carta.

Destina-se o presente trabalho a descrever qual foi a acção do Batalhão de Marinha Expedicionario a Angola na campanha de 1914-1915, começando pela historia da sua organização e seguindo a par e passo todas as variadas fases e ocorrencias em que essa unidade tomou parte. Basta esta indicação para julgar da sua importancia, tanto mais notavel quanto que ainda se aguarda a publicação dos relatorios dos generais Pereira d'Eça e Roçadas, já quasi perdidas as esperanças de poderem ser apreciados.

E, não obstante, cada dia se torna mais necessario saber a verdade do occorrido nessas duas expedições, como lição digna de aproveitamento para a continuação da nossa acção ultramarina.

Ainda bem que o nosso camarada V. Oliveira Pinto se encarregou de levantar uma ponta do véu, que encobre o assunto. Embora seja limitada a sua explanação, por se referir restrictamente à missão desempenhada pelo corpo de tropas, de que fazia parte, não deixa ela de ser interessante e valiosa sob variados pontos de vista.

O serviço de campanha do Batalhão começou quando este atingia a povoação de Lubango, onde logo chegava a ordem do comandante da expedição, mandando seguir aquella unidade para a frente, por haver suspeitas de que uma forte coluna alemã iria atacar Naulila e outra seguiria por Oxitoto, Otchinjau e Pocólo. Logo a seguir, era transmitida a noticia de que o esquadrão de dragões, que pertencia à coluna do coronel Roçadas, fôra derrotado, e que uma força de 200 alemães estava bivacada nas proximidades do Lubango, pelo que se tornava necessario tomar imediatas precauções contra um provavel ataque à vila.

Compreende-se quão angustioso foi esse momento, por isso que o efectivo do batalhão estava muito depauperado por efeito das intempéries reinantes naquelas inhospitas regiões. Não obstante, os animos robusteceram-se e todos reuniram forças para deixar bem honradas as tradições nacionais.

Ser-nos-fa impossivel seguir minuciosamente o autor na descrição de todas as occorrencias supervinentes, dado o limitado espaço que nos é reservado nas colunas deste jornal para dar noticia das obras, que vão sendo publicadas e oferecidas pelos autores.

Mas, o que temos escrito, já é sufficiente para que o leitor conheça a importancia de tal publicação, e a consideração que ela deve merecer de quantos fazem uma nitida ideia da valia, que no presente momento tem o conhecimento dos grandes sacrificios e perigos corridos pelos nossos camaradas da marinha e exercito, que tomaram parte nas ultimas campanhas coloniais.

Bemvinda se pode considerar, portanto, a memoria elaborada pelo Sr. Oliveira Pinto. Aos serviços já por ele prestados à Patria deve agora adicionar os que são representados na actual publicação, por todos os titulos digna de merecer o apreço dos especialistas e a atenção geral.

- 4 **DIOGO VIEIRA TOVAR E ALBUQUERQUE.—Index Alfabetico, Chronologico e Remissivo das Reaes Ordens Expedidas para o Governo do Estado da India, desde o ano de 1568, até 1811, e de muitas partes dadas pelo mesmo Governo à Corte, compreendidas em 192 livros, que existem na Secretaria do Estado da India.**—Nova Gôa, 1918.—1 vol. (0^m,25 × 0^m,17) de 228 pags.

O simples titulo desta publicação revela a sua importancia historica. É a reprodução fiel de um importante manuscrito, quasi ignorado, pertencente ao arquivo do Governo da India, em tempo oferecido pelo co-

ordenador ao Conde das Galvêas, que exercia as funções de Ministro da Marinha. Foi o secretario geral do Governo, sr. Peixoto Vieira quem, em 1909, patrioticamente o poz à disposição da comissão de arqueologia para ser publicado, demonstrando assim a distinta orientação do seu culto espirito. E o Sr. Ismael Gracias, a quem já são devidos outros não menos importantes serviços identicos, zelosa e inteligentemente deu execução ao referido pensamento, presidindo com o melhor criterio à dita publicação.

Egualmente é digno de louvor o cuidado com que são enviadas para a metropole estas utilissimas publicações, que tanta margem dão para honrar a nossa nacionalidade e distinguir os trabalhos, que buscam exaltar as nossas glorias, como succede com o presente, dirigido pelo Sr. Ismael Gracias, a quem enviamos as nossas saudações por tal motivo.

- 5 Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada).— **Dados Astronomicos para os Almanagues de 1919 para Portugal.**— 1 opusc. (0^m,23 — 0^m,15) de 40 pags.—Lisboa, 1918.

Já nos tardava a recepção desta preciosa publicação anual, que tantos serviços presta aos que necessitam do conhecimento preciso dos dados astronomicos para regularidade no exercicio das suas profissões, e com cuja oferta nos honra sempre a direcção do Observatorio Astronomico, e temos em grande apreço.

Este ano o precioso anuario contém um apendice interessantissimo, intitulado *As Estrelas no Espaço*, que é uma descripção tão douta como clara, circumstancias dificeis de conjugar, do que seja o mundo estelar. E' um trabalho que deveria ser popularisado, porque difficilmente se formulará um estudo mais assimilavel sobre o assunto, para os individuos que apenas disponham de meros conhecimentos gerais.

Ao 2.^o astronomico do Observatorio Sr. Frederico Oom cabe o merecido louvor pelo trabalho e estudo dispensados na elaboração do opusculo em questão.

M. S

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Forças mobilizadas em 1914. — Na *infantaria* fôram mobilizadas unidades activas, de reserva, de *landwehr* e da *landsturm*. Foram mobilizados 1:250 regimentos das três primeiras categorias, e uns 7:000 batalhões de *landsturm*. Foram constituídas 1:100 unidades de metralhadoras de campanha, não contando com as unidades organicamente fazendo parte dos batalhões.

Foram também mobilizadas 230 companhias de infantaria ciclista.

Na *cavalaria* mobilizaram-se 110 regimentos activos, alguns regimentos de reserva de usares e ulanos, 90 regimentos de *landwehr*, esquadrões de *landsturm* afetos aos corpos d'exército; e grupos de reserva, que foram distribuídos às divisões de reserva. Mobilizaram-se proximamente 1:400 esquadrões, entre unidades activas, de reserva, de *landwehr*, e de *landsturm*.

A *artilharia* mobilizou 245 regimentos de campanha e 231 grupos de campanha independentes dos regimentos.

Os regimentos tinham uma composição complexa, pois dalguns faziam parte baterias a caválo e doutros uma bateria anti-aerea. Todos tinham um ou dois grupos de baterias de depósito.

Organizaram-se ainda 239 regimentos de reserva e 8 de *landwehr*. A *landsturm* constituiu baterias independentes, cujo agrupamento e distribuição não é conhecido.

A artilharia bavara constituía 12 regimentos activos e 8 de reserva. A algumas divisões foram distribuídas baterias de canhões-revolvers.

Pode-se, pois, dizer que, foram mobilizadas mais de 6:000 baterias de campanha.

O número de regimentos de *artilharia a pé* era de 26 com 2 batalhões, mas que foram elevados a 3 e 4, além dos de depósito, tendo-se-lhes juntado baterias anti-aereas. Alguns regimentos grupam-se 2 a 2 constituindo brigadas com um batalhão de parque.

Foram organizados batalhões e baterias independentes activas, aquêles em número de 212, e estas em número de 406.

Organizaram-se ainda 40 grupos de reserva e 24 baterias.

Foram mobilizadas numerosas secções anti-aereas, baterias pesadas de campanha e de montanha e numerosas baterias de obuzes.

As tropas de *landwehr* constituíram 24 regimentos de artilharia a pé e 18 batalhões. As tropas da *landsturm* organizaram também batalhões, grupos e baterias independentes que foram distribuídos por diversos corpos d'exército.

As tropas bavaras mobilizaram 3 regimentos activos de artilharia a pé, 3 regimentos de reserva, 2 de *landwehr*, e numerosas baterias.

Pode-se cômputar em 2:300 o número de baterias mobilizadas de artilharia a pé.

As tropas de *sapadores* eram constituídas, no momento da guerra, por 35 batalhões activos; mas o seu número aumentou consideravelmente. Foram mobilizados 41 batalhões de reserva; criaram-se muitas companhias da *landwehr* e da *landsturm*.

Os batalhões de complemento (*Ereatz bataillon*) formáram uma série em número igual ao dos batalhões activos.

Os batalhões têm 6 companhias activas e uma ou duas da reserva. Fôram organizadas numerosas companhias activas e de reserva independentes, atingindo aquélas o número 306, e estas o número 233. As companhias de parque tomáram o número do corpo d'exército ou da divisão a que fôram destinadas.

Não se ficará muito longe da verdade, admitindo que fôram mobilizados 170 batalhões de *sapadores* e 1:500 companhias, contando com as que eram independentes.

Lança-minas. Não havia no tempo de paz, unidades constituídas, mas apenas o material para a instrução dos *sapadores*. No momento da mobilização é que se constituíram 302 secções de *lançaminas* ligeiras, 263 de tipo médio e 52 de tipo pesado. Foram ainda organizadas 246 companhias *lança-minas*.

Projectôres. Antes de 1914 já havia 26 secções de *projectôres*, uma por batalhão de *sapadores*. Fôram, porém, mobilizadas secções activas de *projectôres* de campanha e *projectôres* de fortaleza, atingindo os primeiros o número de 433, e as de fortaleza tomáram o número correspondente que lhes foi dado na praça para que fôram destinadas. Também se constituíram secções de reserva, cujo número excede de 40.

Telégrafos. Em 1914, havia 9 batalhões de telegrafistas com um número variável de companhias, sendo uma ou duas de T. S. F., e ainda 8 companhias telefônicas de fortaleza. Fôram mobilizados numerosos grupos telegráficos e telefônicos, aquêles em número superior a 20 e estes a 80.

A cada divisão tinham sido distribuídas 2 secções telefônicas, tendo sido constituídas no começo da campanha 500 destas secções.

A unidade radio-telegráfica, era a estação, sendo mobilizadas 150 destas unidades ligeiras, 32 pesadas e numerosas de fortaleza. O tipo ligeirô foi destinado às divisões de cavalaria.

Aerostação. Havia 35 grupos de *aerosteios* de campanha, 30 de fortaleza e 78 unidades de dirigíveis. Depois fôram criadas mais unidades.

Tropas de caminhos de ferro. Em 1914, havia 8 batalhões com 31 companhias e 3 companhias de exploração. Fôram mobilizadas 34 companhias de construção, 33 companhias de reserva e 5 de *landwehr*; além de 36 companhias de exploração, 14 companhias de construção de caminhos de ferro de fortaleza e 4 companhias de exploração, também de fortaleza. Fôram depois mobilizados 4 batalhões auxiliares de caminhos de ferro.

Deveriam, pois, ter sido mobilizadas mais de 169 companhias, de construção e exploração.

É certo, porém, que no decurso da guerra, este número deverá ter aumentado consideravelmente.

(Do *Memorial de Ingenieros*).

Os tanks alemães.—A equipágem de cada tank é de 18 homens, sendo 3 artilheiros, 10 metralhadôres, 2 mecânicos e 1 sinaleiro.

O comandante dêste pessoal é um oficial, em geral, capitão.

Cada tank é armado de 1 peça e 6 metralhadôras pezadas.

Têm dois motôres, Aimler de 100 caválos cada um, capazes de mover 45 toneladas, funcionando com 3 velocidades, respectivamente de 16,10 e 8 quilómetros à hora.

Cada tank peza 45 ton. e a sua velocidade máxima é de 16 quilómetros à hora. A couraça tem 16 a 28^{mm} de espessura.

Têm 23 pés de comprimento, indo o conductôr numa pequena torre.

(*La F. M.* 7-8-maio-1918).

O novo tipo de avião alemão A. E. G.—O pezo dêste avião é de 3.200 kg., levando 509 kg. de bombas.

São movidos por 2 motôres Mercedes, desenvolvendo 260 HP. e é armado de 3 metralhadôras. A velocidade é de 150 quil. à hora.

(*Idem, idem*).

Os cães estafetas.—Os alemães têm empregado na actual guerra os cães em diversos serviços. Como *estafetas* têm 4 por batalhão, para estabelecer as ligações entre estas unidades e o comando do regimento. Estes cães são da raça dos cães de gado, tendo recebido a sua educação na escola de Frescaty. Nas trincheiras são guardados em canis especiais, e são exercitados diáriamente em percorrer os caminhos que ligam os batalhões ao comando do regimento e vice-versa, andando com a velocidade de 12 quil. à hora.

Quando o regimento muda de sector, os cães não o acompanham, conservando-se em serviço sempre no mesmo sector, o que tem dado ótimos resultados.

(*Estudios Militares*).

As ligações telefônicas nas trincheiras.—O emprego dos cães constitue um sistema suplementar de ligação, pois o sistema normal empregado é pelo telefónio.

Em cada sector havia uma estação central telefônica, que comunicava com as companhias da frente e com a *reserva*, assim como com os grupos de artilharia e com o comando do sector. Em cada companhia d'infantaria havia uma central que ligava o posto do capitão com os pelotões de 1.^a linha e com o *apoio*. Da mesma forma, em cada grupo de baterias uma estação central permitia a ligação do posto de comando com as diversas baterias do grupo.

Em geral, as linhas eram aereas, em postes ou nas arvores, visto que nas linhas enterradas as reparações eram difíceis. Nas distancias inferiôres a 500^m do inimigo, empregava-se o duplo fio, para evitar que, por indução, a condução pela terra permitisse ao inimigo conhecer as comunicações que circulavam.

Tambem empregavam vários conductôres em cada linha para que, pela rutura de um fio, não ficassem interrumpidas as comunicações.

(*Estudios Militares*—outubro).

Espanha

Projecto de orçamento para 1919. — O ministro Gonzalez Besada, apresentou no Congresso o orçamento para 1919, cuja importância total é de pesetas 2.176.156:684,79, sendo :

9.200:000	pesetas para a casa rial ;
2.803.000	» » os corpos colegisladores ;
491.738:890,24	» » » encargos da dívida pública ;
82.574:000	» » as classes inactivas ;
Total.....	686.315:890,24 » » os encargos gerais do Estado.

Com os diversos ministérios as despesas são assim classificadas :

Presidência do Conselho de Ministros	1.041:500	pesetas
Ministério dos Estrangeiros	10.007:200	»
» da Graça e Justiça.....	39.256:628,27	»
» dos Eclesiásticos	46.020:147.69	»
» da Guerra.....	421.582:431,70	»
» » Marinha.....	82.826:335	»
» do Interior	159.104:340,15	»
» da Instrução Pública e Belas Artes.	121.458:496	»
» do Fomento.....	377.914:832,12	»
» dos Abastecimentos.....	1.791:000	»
» da Fazenda	27.393:435	»
Contribuições e Rendas públicas.....	171.444:194,24	»
Possessões do Golfo da Guiné.....	2.358:738,40	»
Despesas com a ocupação de Marrocos	133.913:898,11	»

Nestas verbas estão incluídas as despesas de carácter permanente e as extraordinárias.

Nas despesas extraordinárias o Ministério de Instrução Pública destina 5.456:000 pesetas a edificios para escolas, 11.636:650 para edificios de instrução pública e 1.000:000 de pesetas para monumentos artísticos e históricos.

O Ministério do Fomento destina 122.055:916 pesetas a estradas, 15.000:000 a caminhos vicinaes, 19.530:420 a caminhos de ferro, 50.745:494,89 a portos e sinais marítimos, 46.585:202 a obras hidráulicas, 5.025:000 a agricultura e minas, 4.616:580,86 como subvenção para melhorar o pavimento das ruas de Madrid; etc.

As receitas são avaliadas em 1.597.976:568 de pesetas.

O Ministério do Interior destina, como verbas extraordinárias, 600:000 para os correios, 4.543:500 para os telegrafos, 6.950:000 para reformas sociais; 14.398:166 para o serviço de saúde, 2.317:500 para o serviço de beneficência, 2.908:000 para a Guarda Civil; etc.

Apezar das reduções feitas, ainda há um *deficit* para 1919, de 587 milhões de pesetas.

Em 1913 o *deficit* foi de 180 milhões: o de 1914 foi de 164; o de 1915 foi de 320; o de 1916 foi de 334; o de 1917 foi de 264; e o de 1918 foi de 230.

Os novos capitães do corpo de Estado maior.—No Depósito de Guerra teve lugar a cerimónia tradicional da colocação da banda azul aos novos capitães admitidos este ano no Corpo de E. M.

A cerimónia começou às 17 h. do dia 30 de setembro. Numa tribuna improvisada no pátio do edificio, tomou o lugar da presidência o capitão general do exército, Weyler, tendo à sua direita o general Ochando e à esquerda o sub-secretário do ministério da guerra, general Beranguer.

Assistiram ao acto muitos generais com residência em Madrid, quasi todos os officiaes do E. M. e officiaes de outras armas.

O general Weyler, collocou a banda ao sr. capitão Salazar, n.º 1 do curso, e em seguida fôram os diversos generais collocando as bandas aos outros capitães, pela sua ordem de classificação no curso.

Terminou a cerimónia por um discurso do general Weyler, dirigido aos novos capitães, terminando por um viva a El-Rei.

Em seguida foi servido um *lunch* delicado aos convidados.

(*El Ejercito Español*).

Encorporação dos recrutas de instrução do contingente de 1917.—Por decreto de 20 d'agosto de 1918, fôram mandados encorporar nas unidades os mancebos que excederam o contingente e que tem de receber no seu 1.º ano de serviço militar a instrução reduzida, começando em 5 de setembro. Essa instrução dura 2 meses para os que não tenham recebido a I. M. P. e sejam analfabetos, e de 20 ou 40 dias para os que tenham a I. M. P. e maiores ou menores conhecimentos, segundo o art. 433.º do R. da lei de recrutamento. Sempre que o número de homens a encorporar seja mais que 500, podem ser convocados em 2 grupos por causa da capacidade dos quartéis, mas não devendo o período da instrução ir além de 20 de dezembro. No primeiro grupo devem ser incluídos os analfabetos.

O juramento de bandeiras deve ter lugar 15 dias depois da encorporação. São dispensados os que já tenham servido como voluntários por tempo não inferior a 6 meses.

(*El Ejercito Español*).

Escolas práticas do Serviço de Intendência.—No mês de outubro tiveram lugar as Escolas práticas de Serviço de Intendência na 1.ª região, tendo-se formulado uma hipótese tactica sobre a marcha de uma divisão com um efectivo de 17:500 homens e 5:000 solípedes. Supõe-se esta columna marchar durante vários dias, tendo-se afastado da Estação origem d'étapes, até 100 quilómetros, devendo os reabastecimentos ser realizados por uma companhia de tração mecânica e 2 companhias hipomóveis.

Nêstes exercícos serão experimentados o material de padaria, de carniceria, de transportes, etc., moderno. A êstes exercícos assistem, 1 official do E. M., 1 official da Intendência geral, 1 da Academia, e 1 de cada uma das intendências regionaes.

Terminadas as escolas práticas, a direcção dos exercícos redigirá uma Memória, que será enviada ao E. M. C., até 1 de fevereiro próximo, devendo transitar pela Intendência militar da 1.ª região, que deverá fazer um juizo crítico, indicando as deficiências notadas ou louvôres a dar.

(*El Ejercito Español*).

Estados Unidos

O exército americano em 1918-1919. — No mês d'agosto de 1918, os americanos tinham em França 32 divisões de 27:000 homens, a que se devem juntar as tropas e serviços dos corpos d'exército e de exército, o que deve atingir uns 1.600:000 homens.

Mas, as forças americanas que deveriam estar em França em 1919, excederiam toda a expectativa. Em julho de 1919, deveriam haver 80 divisões, para o que, a conscrição abrange todos os homens dos 18 aos 45 anos (Lei de 31 d'agosto de 1918). Estas 80 divisões com os serviços que lhes são inerentes, deveriam dar um total de 3.5900:000 homens! Em virtude da nova lei do recrutamento, no dia 12 de setembro, tinham-se inscrito 14 milhões de homens (dos 18 aos 45), dos quais deveriam ser chamados de 1918-1919 mais de 2 milhões.

Para armar e equipar um tão grande número de homens, tudo tinha sido previsto. Numerosas fábricas tinham sido construídas, as quais conjugando os seus esforços com as fábricas francesas, estavam em circunstâncias de fazer face a todas as necessidades. Não tendo a América ainda os transportes necessários, tem sido os franceses, e ainda mais os ingleses, que tem em 1918 auxiliado os transportes de homens, material, viveres, munições, da América para França; mas em 1919 a América deveria ter já os navios necessários para todos esses transportes.

Durante os 6 primeiros meses de 1918, os aliados têm perdido 2.089:393 toneladas, mas têm construído 2.113:591 toneladas. Só no mês d'agosto os estaleiros americanos construíram 66 navios com 346:145 toneladas.

Até agosto de 1918 a América produziu 1.636:403 toneladas, e quando estiver terminado o programa de 1919, deverá ter 3:000 navios, representando 25 milhões de toneladas.

Mensalmente, têm sido transportados para a Europa, em média, 285:000 homens.

(La Illustration).

Desastres nos campos de Aviação. — Nas escolas de aviação americanas, tem havido poucas baixas por desastre: de 1 de setembro de 1917 a 20 de julho de 1918, tem havido apenas 155 (1 homem morto por cada 3:300 horas de vôo) sendo: oficiais 74, cadetes 65, soldados 9 e civis 7.

Nos Estados Unidos há 27 aerodromos e 7 escolas para oficiais, onde existiam há pouco 5:646 aviadores graduados.

(Boletim del Ejercito—Habana).

França

O esforço das colonias francesas na actual guerra. — Até junho de 1918 as colonias francesas, compreendendo a África do Norte, tinham fornecido 918:000 homens aos exercitos, dos quais 680:000 combatentes e 238:000 trabalhadores. Dever-se-há ainda juntar 107:000 indígenas, que se tinham alistado antes da guerra.

Portanto, as colonias têm dado um milhão de homens para a defesa nacional.

Sob o ponto de vista económico, o auxilio tem também sido importante.

De 1916 a princípios de 1918, tem enviado para França 525:000 toneladas de açúcar, 284:000 ton. de sementes oleoginosas, 257:000 ton. de arrôz, 43:000 ton. de grafite, 41:000 ton. de milho, 28:000 ton. de rícinos, 30:000 ton. de carne frigorificada, 19:000 ton. de alcool para o fabrico de pólvoras.

Ainda têm contribuído para os diversos empréstimos, tendo só a Argélia contribuído para os empréstimos de 1915, 1916 e 1917 com 500 milhões de francos.

(*Le Temps*).

Trabalhos da aviação no teatro occidental.— De 1 a 6 d'outubro os ingleses abateram 87 aviões, inutilizaram 27, e incendiaram 17 balões cativos.

Os aviões franceses por seu turno, abateram 77 aviões inimigos. Os britânicos e franceses lançaram 447:000 kg. de bombas, sendo 72 toneladas lançadas pelo Almirantado.

Em muitos pontos da linha de batalha tem sido os aviões empregados no serviço de reabastecimento dos elementos avançados, por causa do mau estado das estradas. No dia 1 d'outubro lançaram 2 toneladas de viveres e munições; no dia 2, igual quantidade; no dia 3, mais de 5 toneladas. As guardas-avanzadas no dia 3, tôram protegidas por nuvens de fumo, produzidas pelas bombas lançadas pelos aviões.

Inglaterra

O esforço das colonias inglesas.— O número total das tropas enviadas da Índia até 30 de setembro de 1918, foi de 219:334 ingleses e 753:374 índios. As perdas indianas de 239:662 mortos, 59:296 feridos, 3:289 desaparecidos, 7:459 prisioneiros e 1:633 que se supõem também prisioneiros.

As tropas canadenses até 5 de novembro de 1918 perderam 213:000 homens, sendo: 35:128 mortos nos campos de batalha, 15:057 em consequência de ferimentos graves de doenças, 154:361 feridos, 2:860 prisioneiros e 5:594 desaparecidos.

(*Informação oficial*).

Italia

Os tanks marítimos.— O *tank* marítimo *Grilo* que, tendo penetrado no porto austriaco de Pola torpedeou um couraçado austriaco, era um pequeno barco automóvel, tripulado pelo capitão de corveta Pellegrini e mais 3 praças. Tinha uma disposição análoga a um *tank* terrestre para poder transpôr qualquer obstáculo que encontrasse no seu caminho.

Tinha as seguintes características: comprimento, 12^m; largura, 2^m; velocidade, 4 milhas por hora; e raio de acção, 16 milhas.

O motôr eléctrico movia uma helice, que era protegida por um tubo contra os choques exteriores. A marcha era completamente silenciosa.

Para realizar a sua missão, o *Grilo* foi rebocado até próximo do porto, sendo abandonado, quando entrou no seu raio d'acção. Os torpedos fôrão lançados por meio de uma simples alavanca.

(*Estudios Militares*—Outubro-1918).

CRÓNICA MARÍTIMA

Portugal

Caça-minas «Augusto de Castilho».—Realizou-se no dia 6 de dezembro, com a assistência do desditoso Presidente da República, Dr. Sidonio Paes, na séde do Comando Central de Defesa Marítima, estando formados em paráda o Corpo de Alunos da Armada e um graude contingente de fôrças de marinha, a distribuição soléne de condecorações aos sobreviventes do caça-minas *Augusto de Castilho*, de cujo combate com um submarível alemão, démos uma sucinta narração no número anteriôr da nossa *Revista*.

Por ser altamente honroso para os nossos bravos marinheiros que, da mesma forma que os nossos valentes soldados em França e na Africa portugêsa, mostráram mais uma vez, (não nos cançámos de o repetir), nesta tremenda guerra, a maior de todos os tempos, suspensa no dia 11 de novembro, de quanto esforço, heroicidade e espírito de abnegação são capazes, transcrevemos o decreto que concedeu tão merecidas distinções, e que muito honra quem dêle tomou tão louvável iniciativa.

Um facto há a salientar nêsse notável diploma. Na promoção, por distinção, do guarda-marinha, Manuel Armado Ferraz, vem declarado ser éla feita sem prejuizo d'antlguidade, porque o valente official não desejou, por forma alguma, passar para a direita dos seus camaradas mais antigos.

Que nos seja relevado, se com isto ofendemos a modéstia do novo 2.º tenente, mas julgámos um dever de boa camaradagem, apontar êste facto, que poderia ser tomado como de menos galardão, se não fôsse por todos conhecido, que tal promoção fôra assim feita, para satisfazer o desejo manifestado pelo bravo official.

Eis o decreto :

«Tendo em muita consideração a brilhante conduta da guarnição do caça-minas *Augusto de Castilho*, do comando do 1.º tenente José Botelho de Carvalho Araujo, no combate travado no dia, 14 d'outubro último, a 200 milhas dos Açores com um grande submarino alemão armado com 2 peças de 15^{em}, quando comboiou o paquete *S. Miguel*, em viagem do Funchal para Ponta Delgada, salvando pelo seu heroico cometimento êste navio de ser torpedeado e afundado com numerosos passageiros, sendo também dignos de maior elogio alguns actos de inexcedível bravura, praticados não só durante o combate, como ainda na perigosa travessia por espaço de 6 dias, feita pelas últimas praças que tiveram uma pequena embarcação arrombada e desprovida de víveres e de instrumentos náuticos, de abandonar com o guarda marinha imediato Manuel Armado Ferraz, o referido caça-minas, depois de intensivo fogo suportado valentemente e de esgotadas por completo as próprias munições da sua inferior artilharia.

•Hei por bem sob proposta do Secretário d'Estado da Marinha, decretar que sejam galardoados tão revelantes feitos, promovendo por distinção e concedendo a Cruz de Guerra, áquêles que bem mereceram da Pátria e como em seguida vai designado :

«1.º tenente, José Botelho de Carvalho Araujo, morto em combate, promoção a capitão-tenente e Cruz de Guerra de 1.ª classe, pela bravura, decisão e competência, espírito de abnegação e sacrificios com que conduziu o combate que, no dia 14 d'outubro, teve lugar contra o caça-minas *Augusto de Castilho*, de que era comandante, o submarino inimigo que pretendia afundar o paquete *S. Miguel* que aquêle comboiava, conseguindo salvá-lo pela

boa direcção que deu ao combate, não hesitando, apesar da inferioridade da sua artilharia, atirar-se sobre o inimigo por várias vezes, preferindo combater até à morte, a ter de retirar deixando o submarino em liberdade seguir em perseguição o paquete.

«Guarda-marinha, Manuel Armando Ferraz, com vários ferimentos em combate, promoção a 2.^o tenente, sem prejuízo de antiguidade, Cruz de Guerra de 1.^a classe e 3.^o grau da Ordem da Torre Espada, pela bravura e energia com que se conduziu no combate que no referido dia teve lugar entre o citado caça-minas, do qual era imediato, e o submarino alemão que pretendia afundar o *S. Miguel*, não só auxiliando o seu comandante na direcção do combate como depois da morte deste, tendo sido obrigado a abandonar o navio por falta de munições, revelou inexcusáveis qualidades do comando, vastos conhecimentos e competência, conseguindo conduzir a porto de salvamento, apesar de ferido e durante uma viagem de cerca de 200 milhas, numa pequena embarcação arrombada em que se alojavam, 12 sobreviventes, quasi todos feridos, sem instrumentos nauticos, sem velas, quasi sem mantimentos e água, animando com o seu exemplo de energia e trabalho constante durante 6 dias e 6 noites, sem nunca esmorecer a tripulação daquêlê frágil barco.

«Aspirante de marinha, Carlos Eloy da Mota e Freitas, morto em combate, promoção a guarda-marinha e Cruz de Guerra de 1.^a classe, pela coragem que revelou durante o combate.

«Aspirante de marinha, Samuel da Conceição Vieira, ferido em combate, Cruz de Guerra de 2.^a classe, pelo seu excelente porte durante o combate.

«Sargento-ajudante condutor de máquinas, Luis José Simões, promovido a guarda-marinha maquinista, Cruz de Guerra de 1.^a classe, por distinto porte em combate e valiosa cooperação no salvamento dos naufragos, na viagem em escaler para a Ponta de Arnel.

«1.^o sargento-condutor de máquinas, A. D. M., n.^o 467, Antonio Francisco Borges, ferido em combate; 2.^o sargento artilheiro n.^o 939, José Ribeiro Nobre, ferido em combate; dispenseiro 706, João Loureiro, ferido em combate; 1.^o marinheiro 2:926, Gregorio, ferido em combate; 2.^o marinheiro T. S., 4:750, Francisco Pires Lobo, idem; 2.^o marinheiro A. D. M., 301, Mangueiro de Sousa Fernandes, idem; 2.^o fogueiro A. D. M., 306, José Pereira Constancio, idem; 1.^o grumete 5:413, Izidoro Manuel Pereira, e 1.^o grumete 4:380, José Batista Matias, Cruz de Guerra de 1.^a classe, porte distinto em combate e pelas provas de disciplina e coragem que deram na viagem de escaler que aportou à Ponta do Arnel.

«1.^o artilheiro 1:900, Alvaro Fernandes Nogueira, promoção a cabo artilheiro e Cruz de Guerra de 1.^a classe, por provas de energia e coragem em combate, conservando-se a bordo até completo esgotamento de munições e valiosa cooperação no salvamento dos naufragos que aportaram à referida Ponta.

«O sargento de manobra 447, Manuel Roque, ferido em combate; 2.^o sargento enfermeiro 465, Acácio Alves de Moura; cabos-marinheiros 1:599, José Maria, ferido em combate; 1:805, Jaime da Encarnação; 1.^{os} artilheiros 2:723, José Rodrigues Manteigueiro, idem; 2:755, Augusto Ferreira, 3:253; Lucas Marques Vitoria; 2.^o artilheiro 5:680, Manuel da Silva Sousa, ferido em combate; 2.^{os} artilheiros 8:719, José da Rocha, idem; 5:242, José Francisco Martins; 1.^o fogueiro Manuel Fortunato Vieira; 1.^o marinheiro 3:360, Francisco Antonio Vicente; 2.^o marinheiro 3:701, Alvaro Madeira; 1.^o grumete 4:976, Manuel de Freitas; 1.^o grumete 6:132, Silvestre Augusto Caldeira, feridos em combate; 1.^o torpedeiro 4:412, Francisco Ferreira Rodrigues; 2.^o fogueiro A. D. M., 308, Alberto dos Santos; 2.^o fogueiro A. M. D., 420, Francisco Alexandre, ferido em combate; 2.^o fogueiro A. D. M., 375, José Rebêlo Coelho; 2.^o fogueiro A. D. M., 504, José Ribeiro Espada; chegador A. D. M., 185, João Monteiro; chegador A. D. D., 376, José Augusto; chegador A. D. M., José M. da Silva; 2.^{os} marinheiros A. D. M., 304, José Mirão; 372, João Pereira de Beller, ferido em combate; cozinheiro A. D. M., 310, Jerónimo André Gines, Cruz de Guerra de 4.^a classe, por provas de coragem em combate.

«Telegrafista 6:431, Elisio Martins da Nova; 2.^o marinheiro adido 305,

Manuel Cruz Branco; chegador adido 499, Manuel Tomé; 1.º fogueiro adido 443, Manuel Joaquim d'Oliveira, mortos em combate, Cruz de Guerra de 1.ª classe, por provas de bravura em combate».

Cruzador Inglês «Active». — Aportou ao Tejo no dia 26 de novembro, onde veio expressamente em missão do Governo Inglês, com o fim de saudar a nossa Nação e manifestar mais uma vez, a cordialidade de relações que unem os dois Países Aliados, esta pequena mas veloz unidade da grande marinha britânica.

Recordaremos que o *Active* é um cruzador protegido de 3.ª classe com 117^m,4 de comprimento, 12^m,5 de boca e 4^m,19 de calado d'água, 3:440 toneladas de deslocamento, com máquinas da força de 18:000 caválos indicados que imprimem ao navio a velocidade de 26 milhas. É armado com 10 peças de 102^{mm}, 4 de 47^{mm} e duas metralhadoras e dois tubos lança-torpedos. Depois da guerra montou mais uma peça de 76^{mm} anti-aerea, na ponte de ré. A tiragem das fornalhas é feita por 4 chaminés e tem um mastro a vante destas e uma pequena vergonzea a ré para suportar a antena da T.S.F. Mete 350 toneladas de carvão e tem 350 homens de guarnição. Foi lançado ao mar em 1911 e concluído nêsse mesmo ano em Pembroke. Custou 272:000 libras sterlinas.

É atualmente comandado pelo capitão de mar e guerra E. R. Evans, um dos bravos companheiros do malgrado captain Scott que, em 18 de janeiro de 1912, alcançou o Polo Sul com extraordinária tenacidade, ao cabo de enormes esforços e privações de toda a espécie.

Numa brilhante conferência realizada na Sala Portugal, da Sociedade de Geografia, com a assistênciã do malgrado Presidente da Republica, Dr. Sidonio Paes, e ostentando o colar e a placa da Torre Espada com que foi agraciado pelo Governo Português, relatou captain Evans, os pormenores d'essa expedição, acompanhando a conferência com projecções de magníficas fotografias das regiões polares, admiráveis de contrastes e uma interessantíssima película animatográfica de episódios da expedição. Acompanhou captain Evans a expedição até à geleira Beardmore a 270 quilómetros do Polo, retrocedendo com parte d'ela, a instâncias de captain Scott, em vista da escassez de mantimentos e falta de material que se foi danificando no penosíssimo trajecto até à extensa geleira onde se acha o Polo Sul.

Acompanharam a expedição de captain Scott, o saudoso comandante do couraçado *Albemarle*, da grande esquadra inglesa que fundeou na baía de Lagos, em 1907, captain Oates, Dr. Wilson, tenente Bowers e petty-officer Evans.

De regresso ao ponto de partida, todos êsses valentes sucumbiram aos horrorosos sofrimentos ocasionados pelas borrascas de neve que, quasi constantemente os atormentaram. O heroico captain Scott, teve a rara coragem e abnegação de, com a morte diante dos olhos, escrever com um supremo esforço o relatório da viagem, em nobres e levantadas palavras, pedindo ao Governo Inglês, para olhar pelas familias dos que caíam vítimas do cumprimento do seu dever. O primeiro que sucumbiu foi o petty-officer Evans, fulminado por uma congestão cerebral, quando saía da geleira Beardmore. O valoroso captain Oates, levou o seu altruismo até ao sacrificio heroico da sua vida, para salvar as dos seus infelizes camaradas, visto as muitas feridas que tinha o obrigarem a caminhar muito devagar e a retardar, portanto, a marcha da expedição; fugiu da tenda d'abrigo, de noite, através da tempestade de neve, não sendo mais visto, a despeito dos esforços para o encontrar.

A viagem de regresso do captain Evans, foi tambem perigosa em extremo, e cheia de sofrimentos, chegando à Nova-Zelandia em perigo de vida. Foi, depois de restabelecido, buscar os seus companheiros, às terras do Polo Sul e teve então o grande desgosto de só encontrar os cadáveres dos cinco desditosos exploradores que vieram aumentar o martirologio dos que têm procurado desvendar os mistérios das regiões polares. Mais feliz que captain Scott, foi o explorador norueguês Amundsen, que não lutou com tantas dificuldades, não só pelo caminho que tomou, mas pelo bom serviço que lhe prestaram o grande número de cães da Groenlandia que levou; alcançou o Polo Sul, em

14 de dezembro de 1911, tendo o desditoso captain Scott encontrado, ao chegar ao Polo, a barraca, a bandeira norueguesa e os documentos deixados por Amundsen.

Tal é uma das fases mais brilhantes da vida do ilustre e valente comandante do *Active*, que acaba de visitar oficialmente o nosso porto de Lisboa.

Alemanha

Construções durante a guerra.—A armada alemã tinha sido aumentada durante a guerra com três grandes couraçados, *Sachsen*, *Bayern* e *Baden* e dois cruzadores de batalha *Hiudenburg* e *Mackensen*, não se tendo concluído o super-cruzador *Graf von Spee*.

Os primeiros três couraçados são de 28:000 toneladas; os dois cruzadores de batalha têm a velocidade de 30 milhas e serão armados com 8 peças de 380, segundo uns, ou 10 de 305, segundo outros. O *Graf von Spee* dizem ser semelhante aos que, na marinha inglesa são conhecidos pela classe «hush-hush».

Estávam-se consiruinndo na Alemanha uma nova classe de cruzadores ligeiros muito protegidos e fortemente armados. Eram o *Manheim* e o *Coln*, de 6:300 toneladas, de 33 milhas de marcha, armados com 2 peças de 210, 6 de 150, muita artilharia de pequeno calibre (naturalmente 76) e 4 tubos lançatorpedos submersos. As caldeiras queimam nafta, sendo o aprovisionamento suficiente para um raio d'acção de 12:000 milhas à velocidade de cruzeiro. Têm 158,5 metros de comprimento e 14,92 de bôca, sendo protegidos com chapa d'aço de 100 num comprimento que se calcula ser de 97,5 metros sendo transversalmente protegido a vante e a ré por anteparas couraçadas.

Os últimos tipos de submersíveis.—Tinham 2:400 toneladas, 80 metros de comprimento, 7,65 de bôca, 26 milhas de marcha à superfície, desenvolvendo as máquinas a potência de 19:000 caválos indicados e com um raio d'acção de 8 000 milhas à velocidade económica. A velocidade em imersão parece ser de 14 milhas. Assevera-se que já estava no mar, em acabamento, um tipo destes barcos, com 5:000 toneladas, 120 metros de comprimento e um raio d'ação de 18:000 milhas, armado com artilharia de elevado calibre.

Uma das grandes dificuldades com que a Alemanha lutou na guerra submarina, era o abastecimento de torpedos; os submersíveis eram armados com tubos de lançamento de 500 que podiam ser reduzidos ao diâmetro de 450 e 350 por meio de tubos suplementares que permitiam o emprego de pequenos torpedos de lançar a 500 ou 600 metros.

O número de submersíveis construídos na Alemanha até agosto de 1918, parece elevar-se à considerável cifra de 355, tendo sido afundados pela Gran-Bretanha, perto de 75 unidades e 50 pelas outras Nações Aliadas. Um comunicado oficial britânico, refere terem sido destruídas 150 unidades.

Brazil

Estaleiros navais.—Duas grandes casas inglesas e uma norte-americana, propuzeram ao Governo Federal estabelecerem em vários pontos do Brazil, estaleiros de construção naval, arsenais, oficinas para material naval, locomotivas, etc.

Em tempos, tambem uma importante casa construtora inglesa, propôz ao nosso governo, o montar no porto de Lisboa, um grande arsenal de construção e reparação de navios em substituição do nosso arsenal, então já muito caro e bem antiquado para os progressos de construção naval realizados até essa época, e isto sem prejuizo para os operários que nêle trabalhavam. Não sabemos por que motivos, tal proposta não foi aceita e o arsenal continuou a construir navios de madeira, solidíssimos seja dito em abono da verdade, até que o conselheiro Jacinto Candido da Silva, tomou a iniciativa de transformar em 1897, o nosso arsenal, dotando-o com o pessoal e material preciso para poder construir e reparar as modernas unidades de combate que uma modesta e despretenciosa marinha de Nação pequena, pode e deve ter.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

França

- 1 PRÉVOST (Marcel), de l'académie française. *D'un Poste de Commandement*; lib. 7, Rue de Lille, Paris. 1 vol. in-18 Fr. 3,50
- 2 HENRIOT (Emile). *Carnet d'un dragon. Dans les tranchées*; 7, libr. Rue de Lille, Paris. 1 vol. in-16 Fr. 3,50
- 3 *Guides Michelin pour la visite des champs de bataille*. Le Tome III va paraître prochainement. Il est intitulé : La Tronée de Revigny et termine la série consacré à la bataille de la Marne; libr. 7, Rue de Lille, Paris. 1 vol. cartonné Fr. 3,50
- 4 PUAUX (René). *Foch, sa vie, sa doctrine, sa œuvre. La foi en la victoire*; lib. 7, Rue de Lille, Paris. 1 vol. Fr. 2
- 5 MALLATERRE, générale. *Études et Impressions de guerre, iv^e Série (1917-18)*; libr. 7, Rue de Lille, Paris. 1 vol. in-16 Fr. 3,50
- 6 BENJAMIN (René). *Les Rapatriés*. libr. 7, Rue de Lille, Paris. In-16 Fr. 1,50
- 7 BINET-VALMER, citoyen genevois. *Mémoire d'un Engagé volontaire*; libr. 7, Rue de Lille, Paris. In-18 Fr. 3,50
- 8 CHRISTMAS (Dr. de). *Le Traitement des prisonniers français en Allemagne*; libr. 7, Rue de Lille, Paris. In-8 Fr. 3,50
- 9 DAUDET (Léon). *La Guerre totale*; libr. 7, Rue de Lille, Paris. In-16 Fr. 3,50
- 10 DAYE (Pierre). *Avec les Vairiqueurs de Tabora*. (Notes d'un colonial belge en Afrique Orientale allemande); libr. 7, Rue de Lille, Paris. In-16 Fr. 3,50
- 11 DIAZ-RETG (E.). *L'Assaut contre Verdun*. (Trad. de l'espagnol). libr. 7, Rue de Lille, Paris. Avec 14 cartes Fr. 5
- 12 FURST (Comm.^t G.-A.). *L'Artillerie coloniale*; libr. 7, Rue de Lille, Paris. Ill. Fr. 9
- 13 GALOPIN (Arnould). *Sur le Front de mer*. (Episodes de la guerre maritime); libr. 7, Rue de Lille, Paris. In-16 Fr. 3,50
- 14 GUILLOT (E.). *Précis de la guerre, 1914 (Tome II)*; libr. 7, Rue de Lille, Paris. In-16 Fr. 5,40
- 15 KUNTZ (Cap.^{ne}) *Opérations franco-britanniques dans les Flandres*, libr. 7, Rue de Lille, Paris. In-8 Fr. 3
- 16 LÉAUD (Alexis). *Spectacles de Guerre, choses veres*; libr., 7, Rue de Lille, Paris. In-18 Fr. 3,50
- 17 LUCIEN-GRAUX (Dr.). *Les Fausses nouvelles de la Grande Guerre*; libr., 7, Rue de Lille, Paris. (Tome II) Fr. 6
- 18 MACGAS (Léon). *La Grande Guerre, les Nations et les Hommes*; libr., 7, Rue de Lille, Paris. In-12 Fr. 3,50
- 19 MERCIER (René). *Nancy bombardée*. (Journal d'un Bourgeois de Nancy); libr., 7, Rue de Lille, Paris. In-12 Fr. 3,50
- 20 MURET (Maurice). *Pas d'illusions sur l'Allemagne*; libr., 7, Rue de Lille, Paris. In-16 Fr. 3,50
- 21 *Notions sur l'Organisation générale des Armées : Organisation générale des unités : Services de l'arrière ; Service automobile*; libr., 7, Rue de Lille, Paris Fr. 1,50
- 22 LE ROUX (Hugues). *L'Heure du Japon*; libr., 7, Rue de Lille, Paris. In-16 Fr. 3,50

- 23 STIENAN. *Le Mystère roumain*; libr., 7, Rue de Lille, Paris. In-16
Fr. 3,50
- 24 SALVIOLI (Guiseppe). *Le lomcept de la guerre juste*; libr., 7, Rue de
Lille, Baris. In-16
Fr. 3

Inglaterra

- 1 CARRINGTON (Philip). *The Boy Scouts' Camp Book*. Cr. 8vo, pp. 126.
Pearson net 1/6
- 2 COBBER (Lance-Corporal). *The Anzac Pilgrim's Progress*. Edited by
A. St. John Adcock. Cr. 8vo, pp. 116. Simpkin net 3/6
- 3 *Customs and Etiquette of the Royal Navy*, 18mo, swd., pp. 52. Gieves
net 1/6
- 4 DALWOOD (Lieu.-Col. J.). *A Guide to Volunteer Duties*. 18mo, swd, pp.
124. Harrison net 1/6
- 5 *Darkness, the Dawn, and a Vision, The, 1914-1918. Our Britain's Part
in the Great War. A Tribute and a Call*. By a Northern Celt Cr. 8vo,
swd, pp. 86. Simpkin net 2/6
- 6 DAY (Susanne R.). *Round About Bar-le-Duc*. Cr. 8vo, pp. 256. Skeffin-
gton net 6/
- 7 FARNOL (Jeffery). *Some War Impressions*. Cr. 8vo, pp. 118. S. Low
net 2/6
- 8 *Fields and Battlefields* By No. 31540. Cr. 8vo, pp. 253. Constable
net 5/
- 9 HAWTIN (W. Grist). *The Law and Practice of Military Conscription
under the Military Service Acts, 1918*. Part. 2.—The Military Service
(No. 2). Act, 1918. Medical Grading, etc. 18mo, swd., pp. 208. Harri-
son net 2/
- 10 HICLHOUSE (Percy A.). *Ship Stability and Trim*. 8vo, pp. 314. J. Hogg
net 10/6
- 11 HOPKINS (Nevil Monroe). *Over the Threshold of War. Personal Expe-
riences of the Great. European Couflict*. Royal 8vo. Lippincott
net 21/
- 12 LEAKE (R. E.). *Letters of a V.A.D.* Cr. 8vo, pp.. 313. A. Melrose net 5/
- 13 LECH (Piers C. R.) *A Simple Guide to Interior Economy. For the use
of Warrant Officers and Non-Commissioned Officers of the Infantry*.
12mo, swd., pp. 32. Harrison net 1/
- 14 LOENING (Grover C.). *Military Aeroplanes, 1918. An Explanatory Con-
sideration of their characteristics, performances, construction and ope-
ration*. Folio, pp. 202. McBride, Nast. net 21/
- 15 MCKENZIE (F. A.). *Serving the King's Men. How the Salvation Army
is Helping the Nation*. Cr. 8vo, swd., pp. 76. Hodder & S. 1/
- 16 MARCOSSON (Isaac F.). *The Business of War*. Cr. 8vo, pp. 213. J. Lane
net 5/
- 17 MIDDLETON (Edgar C.). *Tails Up. Adventures of our Airmen on various
Fronts*. Cr. 8vo, pp. 314. Simpkin net 6/
- 18 NADAUD (Marcel). *The Flying Poilu. A Story of Aerial Warfare*. Trans-
lated by Frances Wilson Huard. Illustrated by Charles Huard. 8vo,
pp. 216. Hodder & S. net 7/6
- 19 NEVINSON (C. R. W.). *The Great War. Fourth Year*. With an Essay by
J. E. Crawford Fitch. Folio, pp. 49. G. Richards net 15
- 20 NEWTON (W. Douglas). *The War Cache*. Cr. 8vo, pp. 254. S. Law
net 5/
- 21 NOEL (Major and Mrs. J.). *A Soldier's Simple Cooking Recipes for
Cooking in Trenchés and Billets*. With Vocabulary of French Words.
18mo, swd., pp. 34. Harrison net 6d
- 22 PEAT (Harold R.). *Private Peat*. Cr. 8vo, pp. 224. Hutchinson net 6/
- 23 PIPP (E. G.). *The Call to America*. Cr. 8vo, pp. 48. Author 1/6
- 24 *Plane Tales from the Skies*. By «Wing Adjutant». Cr. 8vo, pp, 192.
Cassell net 2/6

- 25 *Short Guide to the Temporary War-Time Exhibition in the British Museum*. Cr. 8vo, pp. 46. *British Museum* 4d
- 26 WIDMER (Emil J.). *Military Observation Balons*. (Captive and Free). Cr. 8vo, pp. 158. *Crosby Lockwood* net 16/
- 27 *Work of the Royal Naval Reserve*. Cr. 8vo, pp. 64. *Yachting Monthly*.

II.—PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *O Instituto*, n.º 9 de setembro de 1918. Discurso pronunciado pelo Ex.^{mo} Sr. D. Antonio Maura, presidente da Real Academia de Jurisprudencia e Legislação de Madrid, para apresentação do Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo. Novas teorias físicas.—Sua correlação com os fenómenos biológicos e sociais. Documentos sobre várias indústrias portuguesas. História da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal.
- 2 *O Oriente Português*, n.ºs 5 e 6 de maio e junho de 1918. Uma dona portuguesa. Bens pensionados em Gôa (continuação). Dialecto indo-português. Varia Variorum. Index alfabético, cronológico e remissivo (conclusão).

Brasil

- 1 *Boletim do Club Naval*, n.º 2 de setembro de 1918. Páginas retrospectivas. 11 de junho de 1918—Commemoração de Riachuelo. Notas sobre a resistencia do meio Educação e automatismo na marinha. Portos militares e bases de operações. Conferencia. Jogo da Guerra—Indicador da direcção dos torpedos. A primazia dos encouraçados de esquadra. Educação profissional. Bibliografia. Informações sociais.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del Ejército de Colombia*, n.º 74 de agosto de 1918. Instrucción del batallón. El ejército chileno (conclusión). Por el ejército. Sobre futura proporcionalidad de las distintas armas. Bibliografía. En el ejército.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 30 de agosto de 1918. La seguridad en el vuelo. La enseñanza estratégica del estado mayor general francés. Fuego de noche de fusilería y ametralladoras. El fusil llevado a la espalda del jinete. Lecciones dedicadas a los sanitarios. Impresiones de una visita a los ejércitos británico y francés, que operan en territorio de Francia. Miscelanea. Decretos. Publicaciones recibidas. Bibliografía.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 4 de outubro de 1918. Un pequeño ensayo de General y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infantería (continuação). Historia politico-militar del Conde de Barcelona D. Ramon Berenguer III (*el Grande*), (conclusión). Apuntes históricos. Algunas observaciones sobre «Historia militar», (continuação). Orgsnización del ejército. Revista extranjera. Revista de la prensa.
- 2 *Memorial de artillería*, n.º de outubro de 1918. Um capitulo sobre la cuestión de los enlaces. Dos palabras sobre nacionalización de las in-

- dustrias militares. Más sobre supuestos tácticos. Nuevas fórmulas y tablas para la resolución de los problemas del zunchado simple. Cronica—Variedades. Miscelanea. Bibliografía. Publicidad. Apéndice.
- 3 *Memorial de infantería*, n.º 82 de noviembre de 1918. La iniciativa en la guerra (continuación). La guerra irregular en general. Escuelas opuestas—táctica general—francesa y alemana (continuación). Ametralladora Colt. Conquista del macizo de Moronvilliers. Psicología escolar. Variedades. Cronica militar—La guerra europea. Noticias militares. Revista de Revistas. Bibliografía. Etc.

Italia

- Rivista di artiglieria e genio*, n.º de setiembre de 1918. El tiro vertical. Ponti ad arco di cemento armato (fine). Metragliatrice Maxim tedesca alleggerita. I cani come bestie da tiro e da soma. Il fucile da caccia arme da guerra. Nuovo sistema di trasporto: trazione automobile su ferrovie a scartamento ridotto. Origine e avvenire dei tanks. Studio di armi difensive. Notizie. Bibliografía. Etc.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de outubro de de 1918 Forza numerica degli Ufficiali dell' Arma di Cavalleria. Da un Mese all' Altro. XX Settembre 1918. Il servizio sanitario nel combattimento di cavalleria. Cavalleria. La Cavalleria attraverso i secoli (continua). Libri—Riviste—Giornali. Necrologi. Parte Ufficiale.

Mexico

- 1 *Revista del Ejercito y Marina*, n.º 8 de agosto de 1918. Triología Epica—San Juan de Ulúa! Padierna! Churubusco! Soldados de la Republica. La práctica de la guerra en tiempo de paz. Gases asfixiantes. Un nuevo cañón. La infantería en la gran guerra. La industria naval mexicana. Proyecto de Reglamento de Uniformes para el ejército (continua). La diplomacia entre los marinos. La caballería mexicana y su mejoramiento en el porvenir (continua). Organos de visión del submarino. Policia judicial militar. La artillería en la defensiva. Mando de tropas. Resistencia de materiales (continua). Arquitectura naval. El combate de Hermanas. Efemérides militares Mexicanas (Agosto). Ebano—7 de abril de 1915. Ejemplo de valor de un aviador italiano. Una noche de bombardeo. La espía. Las tumbas del arte militar. Verdún. Información extranjera.

Noruega

- Norsk Militært Tidsskrift*, n.º 9 de setiembre de 1918. Enkelte betragtninger over det russiske forsvarssystems organisation og de russiske stridskræfters strategiske opmarsj ved verdenskrigens utburdd. Vore kjorbare feltlyskastere—Deres organisation, taktik og ledelse. Krigen xxxiii—Kampene i Palaestina 1917. Franske artilleriofficerskurser under krigen. Kampflyvere. Meddelelser fra ind og utland. Kart over Nord-Norgé.

Peru

- Boletín del Ministerio de guerra y marina*, n.º 8 de agosto de 1918. Instrucción de oficiales. Cronica de las acciones de la caballería en la guerra de las naciones (continuación). Estudios y conclusiones de la conferencia quirurgica inter-aliada (continuación). Atrincheramientos. Campo de mira y de fuego. Necesidad de que el País intensifique su Defensa Nacional. Bibliografía.